



A ECONOMIA DO NACIONAL SOCIALISMO

Sumário

Socialismo no Terceiro Reich	2
Fundamentos econômicos do Nacional-Socialismo	6
Aspectos fundamentais sobre a política econômica nacional-socialista	7
Política Econômica do Terceiro Reich.....	13
Como Hitler enfrentou o desemprego	24
Como Hitler se livrou da escravidão dos juros	34
Adolf, o Economista	39
Adolf assume um país financeiramente falido	39
Planejamento Econômico Sadio	42
Saindo da crise com o “nazismo”	46
O ouro alemão era a força produtiva alemã.....	47

Socialismo no Terceiro Reich

Descrição das conquistas sociais durante os poucos anos do regime nacional-socialista. Afinal de contas, os assuntos em torno desta época não se resumem somente ao suposto Holocausto Judeu.

O verdadeiro Socialismo

Quais foram as conquistas do Nacional-Socialismo na área de política social, além da eliminação do desemprego? Em primeiro lugar ele eliminou a luta de classes, deu ao termo Socialismo um novo conteúdo e substituiu palavras e promessas por ações.

E por isso mesmo ele é combatido até hoje. Tentam confundir as pessoas em torno da questão racial, desviando as atenções deste evento único na história, onde um grande povo procurou eliminar dois parasitas: a luta de classes e a escravidão dos juros – NR.

A 2 de maio de 1933, o NSBO (Nationalsozialistische Betriebszellenorganisation = Organização nacional-socialista das câmaras trabalhistas) assume os sindicatos. A 3 de maio de 1933, a Frente de Trabalho Alemã ocupa o lugar dos sindicatos, uma grande frente unida de todas as forças produtivas alemãs, a primeira e maior organização do mundo, onde empregador e empregado foram incorporados numa unidade trabalhista comunitária.



"Esta empresa está unida à Frente de Trabalho Alemã"

Independente do posicionamento político individual, o símbolo da suástica em apologia ao Nacional-Socialismo é proibido/censurado pela legislação brasileira, numa verdadeira afronta à liberdade de expressão (LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997). Aqueles que alegam a suposta morte de milhões pelo governo de Hitler, se silenciam diante do símbolo comunista da foice e do martelo, cujos influenciados governos comprovadamente trouxeram a morte a mais de 100

milhões de seres humanos. A política hipócrita de "dois pesos, duas medidas" tornou-se, infelizmente, o norte de nossos tempos – NR.

Após meses de intenso trabalho, é aprovado a 20 de janeiro de 1934 a Lei para regulamentação do trabalho nacional, a base para criação de uma política social nacional-socialista, sem contrapartida em qualquer lugar do mundo. Pela primeira vez, os termos "honra social" e "utilidade pública" (soziale Ehre e Gemeinnutz) foram fixadas por meio de lei. Ela se baseava nos três pilares nacional-socialistas: princípio da liderança, uso comunitário e honra.

A lei tinha sete subdivisões, onde as cinco mais importantes são:

- Líder do Conselho da fábrica e da confiança mútua
- Representante trabalhista do Reich
- Regulamentação trabalhista e tarifária
- Justiça da honra social
- Proteção contra demissão

Com a promulgação destas diretrizes, o trabalhador alemão daquela época conquistou:

1. Justiça

Anteriormente, as relações trabalhistas estavam submetidas aos chamados "livres" contratos de trabalho e ao regateio do sindicato e associações do trabalho. Com a lei, acima das livres decisões do diretor da fábrica está o poder do Estado, que através do Representante trabalhista do Reich pode fiscalizar se justiça e uso público prevalecem ante despotismo e interesse pessoal.

2. Eliminação da exploração

Anteriormente, o abuso de poder por parte do empresário, exploração maldosa da força produtiva e condições insalubres, eram combatidas através do longo caminho da ação judicial particular, que não estava ao alcance da maioria dos trabalhadores alemães. Com a lei, os Representantes trabalhistas do Reich agem como procuradores do Estado para dirimir problemas também relacionados quanto à honra social.

Um diretor que abusa na empresa de sua posição sobre os empregados ou viola a honra destes, se coloca sob as penas do tribunal social da honra (Ehrengericht). Casos particularmente mais graves podem destituir o diretor de sua função na empresa. Uma vez imposta a lei, culminou em 1935 na absolvição de somente 4 casos dentre os 156 processos de honra social.

3. fim da pressão sobre o salário

Obrigações e benefícios não são mais negociados agora no contrato de trabalho entre associações de classe em luta e conformados segundo a relação de força entre as partes, mas sim de forma razoável, onde o Representante trabalhista do Reich promove como órgão estatal a remuneração justa dos trabalhadores. Caso seja exigida a proteção do empregado, ele estipula condições mínimas trabalhistas para regulamentação das condições de trabalho, que não podem ser ignoradas. Peritos juramentados são convocados. Um diretor que não cumpre as condições

mínimas fica sujeito às penalidades jurídicas. Os colaboradores podem exigir a qualquer momento o pagamento da diferença entre remuneração paga e o mínimo estipulado. Uma renúncia à remuneração mínima, por princípio, não tem efeito.

4. Pagamento do salário em caso de incapacidade

Anteriormente, em casos de doença ou acidente de trabalho, o pagamento ao trabalhador era raramente feito além dos primeiros três dias. Com a nova lei, a continuação do pagamento continuava na maioria dos casos. Em cerca de 25% dos casos, já existia em 1937 até o pagamento de auxílio aos dependentes em caso de morte do empregado.

5. Proteção contra demissões

Grande esforço para manter o lugar de trabalho através de longos prazos de demissão. Até 1933, os trabalhadores tinham um prazo de 1 dia, em casos especiais, uma semana. Após 1933, em inúmeros casos o prazo era de 2,3,4 e 6 semanas, até o fechamento do trimestre e no caso de longas relações trabalhistas, prazo de demissão de três meses.

6. dentro do possível, supressão da demissão em massa

O Representante trabalhista do Reich tem poder procurador para alterar o prazo de demissão. Dentro deste prazo, as demissões só poderão ocorrer com a permissão do Representante trabalhista. Com isso o colaborador tem uma ampla proteção diante de fechamentos.

7. proteções extras para os trabalhadores alemães

Anteriormente existia a exploração desmedida e o despotismo nas regras para remuneração. Após a lei, fixação da remuneração através do Representante trabalhista do Reich. Mais de 400 classes salariais. Os Representantes especialistas fixam uma justa remuneração do trabalhador nacional.

8. Regulamentação das férias

Anteriormente: férias do trabalhador eram totalmente ignoradas. Em contrapartida, desde 1934, em toda relação trabalhista as férias são consideradas. O prazo de direito às férias foi do anterior um ano, ou mais, reduzido em seis meses.

9. Gratificações de Natal, ajuda de férias e outros

Antes: comum somente para funcionários mais graduados
Após a lei: em muitas empresas, introduzido também para todos os colaboradores da empresa.

Independente do posicionamento político individual, o símbolo da suástica em apologia ao Nacional-Socialismo é proibido/censurado pela legislação brasileira, numa verdadeira afronta à liberdade de expressão (LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997). Aqueles que alegam a suposta morte de milhões pelo governo de Hitler, se silenciam diante do símbolo comunista da foice e do martelo, cujos influenciados governos comprovadamente trouxeram a morte a mais de 100 milhões de seres humanos. A política hipócrita de "dois pesos, duas medidas" tornou-se, infelizmente, o norte de nossos tempos – NR.

Fundamentos econômicos do Nacional-Socialismo

A crise financeira mostrou ao mundo que os fundamentos da economia mundial devem ser repensados, pois o fenômeno dos juros compostos sempre terminará em desastres desta natureza, como bem demonstra os Ciclos de Kondratieff. Mas o que pouco se ouve é como realizar uma reestruturação econômica mundial – não medidas paliativas como aumento do controle sobre as transações bancárias, mas sim um novo fundamento econômico.

Para a grande mídia, os aspectos históricos relacionados ao Nacional-Socialismo, também denominado pejorativamente de “nazismo”, concentram-se invariavelmente às questões raciais e imperialistas. Dificilmente temos oportunidade de conhecer as idéias econômicas, sociais e culturais deste movimento político.

Em seu livro *Luta contra as Altas Finanças*, o engenheiro Gottfried Feder delineou a via dorsal econômica do Nacional-Socialismo. Nesta época de crise financeira mundial, a obra de Feder ganha novamente a atenção dentro dos debates para concepção de uma nova ordem econômica mundial.

Para que o mundo possa se desenvolver de forma saudável economicamente, é necessário o Rompimento com a escravidão dos juros. A obra de Feder revela uma outra via econômica, com notório sucesso nos poucos anos em que foi aplicada. Como pequena contribuição teórica, apresentamos a seguir um extrato da obra *Luta contra as Altas Finanças*, página 301 et seq.



1º de Maio – Dia do Trabalho

O símbolo da suástica presente nas bandeiras foi censurado, pois seguindo a proposta do ex-deputado Alberto Goldman e hoje vice-governador do Estado de São Paulo, a censura neste caso deve evitar que os brasileiros tornem-se odientos antisemitas caso vejam esse símbolo em apologia ao Nacional-Socialismo. Sobre a legitimidade desta censura ou de sua eficácia, há opiniões diametralmente divergentes. Como o tema "vacina" está em voga no momento, não podemos nos conter em sugerir uma ampla campanha de vacinação contra a doença do antissemitismo – NR.

Aspectos fundamentais sobre a política econômica nacional-socialista

1. Missão e sentido da economia

A economia popular tem em sua totalidade a tarefa, em primeira linha, de suprir as três necessidades básicas de todos os cidadãos – alimentação, moradia e vestuário – e, além disso, satisfazer todas as necessidades culturais e de característica civilizatória segundo padrão dos respectivos níveis tecnológicos e das relações salariais. A economia em sua totalidade é um elo a serviço de todo organismo popular, ela é na melhor das hipóteses um serviço ao povo para a grandeza e bem-estar da nação.

A economia de um povo não é um objetivo em si, ela não existe para enriquecer alguns líderes econômicos ao custo de seus funcionários públicos, empregados e trabalhadores, muito menos ela existe para servir como objeto de exploração das Altas Finanças internacionais.

2. Formas de Economia

Existem três possibilidades para conduzir a economia:

- a. Livre economia sem qualquer compromisso (liberal-capitalista)
- b. Imobilizada e rígida economia planificada (marxista coletivista)
- c. Verdadeira economia popular estruturada (universal nacional-socialista)

A forma de economia capitalista totalmente descompromissada leva sempre à uma grande distância entre pobres e ricos, ela produz métodos exploratórios que levam à despersonalização e vulgarização de toda economia, e libertam lutas econômicas contínuas, as quais o próprio Estado tem que observar passivamente. A rígida forma econômica planificada marxista de socialização dos meios de produção leva ao desligamento dos poderosos fatores econômicos, da personalidade criativa. Tal economia cauteriza e afunda em seu produto interno.

Somente a economia nacional-socialista dividida organicamente, que livra o caminho da exploração capitalista e igualitarismo marxista, abrindo novamente as portas para a personalidade criativa, e pode se tornar, sob cuidadosa condução estatal, uma fonte de real bem-estar para a comunidade do povo.

A divisão de classes em patrões e empregados deve ser superada através do lema nacional-socialista:

Operários da testa e do punho, uni-vos!

Somente assim cada um pode produzir em seu posto de trabalho o melhor para seu povo, e com isso para si mesmo.

3. Estado e economia

Na era liberalista, as lideranças econômicas orgânicas foram eliminadas, e desenvolveu-se uma luta selvagem pelo poder entre Estado e Economia (Mercado – NR.).

Esta luta pelo poder pode contemporizar dois acontecimentos: ou vencem os interesses puramente material-capitalistas sobre o Estado e com isso sobre a população (escravidão dos juros), ou os poderosos da política tomam para si todo o aparato econômico (socializam-no), então todo o Estado se transforma em um maquinário econômico e submerge ao patamar de um instituto de trabalho compulsório, como na Rússia.

O Nacional-Socialismo coloca o Estado necessariamente antes da economia, pois o Estado como representante, como guardião do poder, honra e imagem da Nação, como defensor do Reich não pode ele próprio atuar na economia produtiva, pois ele seria impelido no jogo de interesses dos diferentes ramos econômicos e não poderia mais cuidar livremente do bem-estar geral.

Por isso resulta desta relação entre Estado e Economia:

- a. O direito supervisor do Estado sobre a economia
- b. O direito de intervenção estatal através de medidas policiais, administrativas e tributárias, caso o interesse do país assim o exija.

4. Fundamentos da economia

O trabalho criativo, produtivo, o trabalho da testa e punho, é o fundamento de toda economia. Ele, o trabalho, merece o primeiro lugar, o lugar de honra em toda a economia. Patrimônio, propriedade, posse, lucro de bens materiais de todos os tipos, dinheiro, capital, consumidores, fábricas, meios de produção, máquinas, sim, mesmo o campo e as cidades são frutos do trabalho produtivo. A tarefa primordial do futuro Estado será a proteção da personalidade criativa e a proteção da força de trabalho diante da exploração. Todo trabalho é merecedor de sua remuneração, e todo trabalho deve render uma receita justa. Disto resulta que as receitas originárias do trabalho aplicado e capaz, sejam os solos cultiváveis, sejam as ferramentas e bens, são transferidas para a livre propriedade e patrimônio daquele que produz e ele é protegido através da lei e da justiça. Por isso vale para a lei de direito autoral:

O Nacional-Socialismo reconhece fundamentalmente a propriedade privada e a coloca sob proteção do Estado.

Ele atrela, porém, o direito de propriedade ao dever moral em relação à comunidade.

O Nacional-Socialismo reconhece também o direito de herança, pois para ele a família é a célula mais importante da nação.

O direito à remuneração do trabalho não deve ser concebido de tal modo, que seja impossível, em algum momento, o preço de venda de um produto se transformar na base do salário. Nos preços (preços de venda) dos produtos devem conter as inúmeras parcelas referentes a matéria-prima, modernização e depreciação das máquinas, prédios, trabalhos auxiliares, direção comercial e técnica, instalações sociais e sanitárias, mais além para educação e crianças, assistência previdenciária e de saúde, para instalações estatais para viabilização e segurança da

produção, dos direitos, dos contratos comerciais, sim, também da produção nacional através da polícia e do exército etc.

Junto a esta forma mais conhecida de propriedade privada, é possível também a propriedade coletiva na forma de propriedades estatais e municipais ou propriedades de pessoas jurídicas segundo o direito civil etc. Ao contrário dos sistemas capitalistas e marxistas, o Estado Nacional-Socialista possibilitará a todas forças produtivas alcançar sua propriedade.

No Estado Nacional-Socialista, os operários desprovidos de posses devem conseguir conquistar suas propriedades através da aplicação e capacidade. Eles devem perceber que são cidadãos com plenos direitos e co-proprietários de toda produção nacional.

5. Trabalho e Capital

O capitalismo resultou na total submissão do trabalho, sua exploração, e o fez preso aos juros. Com isso, ele inverteu totalmente a relação saudável e natural entre trabalho e capital (dinheiro). A situação atual do país, das cidades, na economia, mostra as terríveis conseqüências deste prejudicial, sim, mortal desenvolvimento. O Nacional-Socialismo chama essa situação de: **Escravidão dos Juros.**

E novamente temos uma situação análoga na economia mundial. Dentro de uma política de juros compostos, isso é inevitável. Qualquer discussão que não envolva este problema não quer resolver a crise, mas sim somente encontrar um meio de perpetuar a mamata dos rendimentos das aplicações. Em outras palavras, é a glorificação da usura, da exploração do trabalho – NR.

O despotismo do capital de empréstimo não se satisfaz mais com simples formas de empréstimo, há muito tempo ele criou através do anonimato (transformação das empresas em sociedades anônimas) as personalidades criativas para a melhor parte de suas possibilidades de atuação, e transformou a economia de sua função original de atender as necessidades, para uma posição de puro lucro. Além disso, o capital financeiro conseguiu também transformar a conduta financeira do poder público para o diabólico sistema de Títulos (leia-se: se endividar) e, em proporções mundiais, os horróveis tratados entre a Alemanha e os aliados (Tratado de Versailles, Pacto de Dawes e Plano Young) a realização plena do domínio através dos juros das altas finanças sobre o trabalho alemão.

O rompimento da escravidão dos juros é a maior e mais significativa tarefa político-econômica, que o Estado nacional-socialista tem para resolver. **Ele é a pré-condição para o**

restabelecimento da saúde econômica. Pormenores sobre as medidas almejadas pelo NSDAP estão suficientemente descritas nas publicações oficiais do partido.

No período de transição, o Estado nacional-socialista se utilizará de forma consciente seu direito de criar dinheiro para o financiamento das grandes tarefas públicas e a construção de moradias dentro de minhas conhecidas propostas (banco econômico e habitacional etc).

Nesta crise financeira mundial, os Bancos Centrais imprimem também uma quantidade inimaginável de papel-moeda para suprir os rombos provocados pela necessidade do pagamento de juros. Mas caso esta política de juros não venha a ser modificada, de nada adiantará o esforço empreendido, pois o resultado é um só: a hiperinflação – NR.

6. Economia popular orgânica

A construção econômica nacional-socialista: a economia é um elo artificial. As atuais interligações existentes (operários, empregados, funcionários públicos, empresários, sindicatos) levam à divisão da economia em diversos grupos de interesses, onde alguns estão em luta aberta ou oculta contra outros.

A autêntica e verdadeira economia almeja a dissolução destas interligações inorgânicas, e quer a união de patrões e empregados dos diferentes ramos da economia dentro de uma divisão segundo as profissões.

O Estado nacional-socialista considera como uma de suas mais importantes missões, a superação das relações entre patrões e empregados envolvidas na atmosfera envenenada da luta de classes e presunção de castas, e colocar todos aqueles envolvidos no processo produtivo em fidelidade e responsabilidade perante o objetivo comum do trabalho nacional.

Sob concessão de amplas administrações próprias, os conselhos profissionais procederão com a regulamentação das relações salariais e de férias; eles atuarão principalmente também para o restabelecimento da honra trabalhista e regulamentarão todas condições pessoais dos funcionários e dirigentes nas empresas. Estes conselhos profissionais se reunirão em associações municipais, regionais e estaduais, e marcarão presença em um departamento central do Reich.

Junto a estas câmaras profissionais para regulamentação das relações pessoais, as câmaras econômicas aparecem como novidade na vida econômica, formada de pessoas independentes, totalmente desinteressadas na economia em si e/ou dos homens que ali atuam. As câmaras econômicas têm a função de verificar o significado de cada um dos ramos de atividade trabalhista, para controlar no sentido e a serviço do interesse da coletividade.

Uma tarefa muito importante destas câmaras econômicas é a manutenção do mercado interno e a atenta supervisão do comércio exterior.

As câmaras econômicas são reunidas no Conselho Econômico do Reich, que preserva o interesse geral de toda a Nação perante desejos especiais e interesses de alguns ramos de atividade econômica.

Exemplo:

Nos anos 1925-1930 a indústria têxtil da Saxônia viveu uma extraordinária conjuntura através da moda das meias-calças femininas, que foram exportadas para todo o mundo. Ao mesmo tempo, os industriais alemães de máquinas têxteis ofereceram por todo o mundo seus teares. Cada uma das máquinas vendidas no estrangeiro significa concorrência para a indústria têxtil alemã, desemprego, fome e miséria. As câmaras econômicas do Terceiro Reich terão a missão de impossibilitar tal concorrência, impedindo a exportação dos teares que tomarão o pão do trabalhador alemão. Um exemplo moderno em grande estilo são os contratos com a Rússia soviética que foram fechados com a indústria alemã, iniciando então uma terrível luta concorrencial contra a economia alemã.

7. Política comercial

O fundamento da política nacional-socialista de comércio exterior é:

Todos os produtos que possam crescer ou ser produzidos na Alemanha, não devem ser obtidos no estrangeiro. Isso significa proteção da economia alemã nas cidades e no campo diante da concorrência estrangeira.

Se hoje a Alemanha importa cerca de 4.000 milhões em alimentos do estrangeiro (trigo, cevada, frutas, legumes, manteiga, ovos, queijo, carne etc), isso significa miséria e necessidade na agricultura alemã, desemprego e eterna sangria dos recursos nacionais alemães (Exemplo: a importação de carne congelada). Da mesma forma é inconcebível que mais de 2.000 em produtos manufaturados (vestuário, máquinas, automóveis, metal etc) tenham sido importados do estrangeiro pela Alemanha. Um alemão que compra um automóvel caro do estrangeiro, paga com isso cerca de 3.000 RM em Salários aos trabalhadores estrangeiros. Os trabalhadores alemães, que podem fazer a mesma coisa, tornam-se desempregados, e os contribuintes alemães têm que pagar ainda 2.000 RM pelos auxílios desemprego e sociais por cada carro vendido. Proibindo a importação de cada produto estrangeiro supérfluo não significa de forma alguma a rejeição tola e inexequível contra o estrangeiro e o comércio mundial, pois da mesma forma que o estrangeiro necessita ainda por muitos anos dos produtos alemães manufaturados de alta qualidade, nós precisamos urgentemente de matéria-prima, vital para nossa indústria de transformação: algodão, lã, cobre, peles, óleos minerais, minério de ferro etc.

8. Medidas transitórias

Eliminação do desemprego.

O Nacional-Socialismo encontrará ao tomar o poder político uma situação terrível da economia alemã. Um exército de cinco milhões de desempregados exige sua reintegração no processo produtivo, as finanças estatais estão destruídas, Estado e economia totalmente endividados, a arrecadação fiscal e o poder aquisitivo da população paralisados, os cofres públicos vazios, agricultura, indústria, comércio e serviços estão falindo. Além disso reina um sistema de irresponsabilidade, corrupção e economia assistencialista dos partidos políticos, e o espírito está contaminado pela idéia da luta de classes. É imperativo prosseguir com uma gigantesca limpeza e educação.

Criar trabalho e pão.

A introdução do trabalho compulsório irá libertar primeiramente meio milhão de cidadãos alemães da maldição do desemprego. A necessária desmontagem da legislação dos aluguéis acontecerá na forma, onde os mutuários da casa própria presos aos juros serão aliviados em pelo menos metade de suas contribuições junto ao fisco, caso eles apresentem os recibos das reformas de suas propriedades na monta correspondente aos descontos fiscais recebidos. Centenas de milhares teriam alimentação e centenas de milhares seriam colocados novamente no ciclo econômico virtuoso.

Junto a isso, o setor da construção será fomentado através do incentivo à construção popular através da disposição de crédito barato (sem juros), segundo minhas propostas para constituição de bancos sociais para a construção e voltados à economia popular.

Sob pressão estatal é conduzida uma ampla restrição das importações e o direcionamento da procura no mercado interno. O setor agrícola estará em condições, impreterivelmente através da redução dos juros, refinanciamento das dívidas, redução dos impostos e disposição de crédito

barato, em condições de produzir e abastecer o mercado alemão com ovos, frutas, legumes, carne, manteiga etc. Deve ser possível alcançar a marca de 2 bilhões de excedentes em gêneros alimentícios através de produção própria. Isso iria permitir a reintegração de pelo menos 1 milhão de desempregados ao setor produtivo. O mesmo objetivo é alcançado através da supressão das importações de produtos manufaturados do estrangeiro para o mercado interno alemão. E novamente centenas de milhares encontrarão trabalho na economia revigorada. No setor político-financeiro, os maiores impulsos e desoneração da carga tributária virão com a redução dos juros, resultado em primeira instância da estatização do Reichsbank e dos demais bancos emissores de papel-moeda.

A estatização do crédito real e a conversão das notas promissórias emitidas com elevadas taxas de juros ocasionará uma espetacular revigoração do mercado imobiliário e da construção civil.

A estatização e supervisão dos grandes bancos por parte do governo levará à uma simplificação e solução de outros gargalos econômicos de seu endividamento com altas taxas de juros.

A estatização das concessionárias de energia elétrica levará a uma enorme e importante redução dos preços das tarifas de energia e terá efeito sobre toda a cadeia produtiva.

Junto a estas medidas que significam a reativação do mercado interno, aparecem as grandes metas da política externa que apenas citamos a seguir:

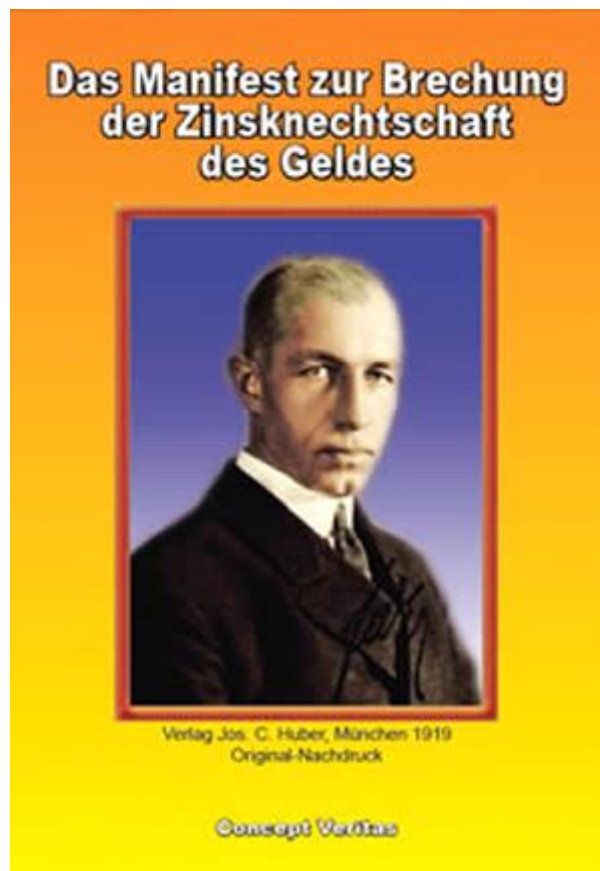
A supressão da tributação do plano Young, aumento de nossa área econômica através de acordos aduaneiros etc. Um vigorosa política de alianças possibilitará o reerguimento sustentável do Estado alemão baseado no trabalho eficiente, o qual, longe de objetivos imperialistas, terá como seu único objetivo assegurar à população alemã trabalho e pão em liberdade e honra.

Política Econômica do Terceiro Reich

Natural de Würzburg, Gottfried Feder nasceu em 1883 e foi um dos principais ideólogos alemães que atuou em prol do rompimento da escravidão pelos juros das Altas Finanças. Feder foi conhecido além das fronteiras alemãs e suas ideias estão vivas até hoje. Como engenheiro e economista, Feder concebeu primeiramente a política econômica do DAP (partido que deu origem mais tarde ao NSDAP) e posteriormente foi incumbido por Adolf Hitler para desenvolver o programa do partido NSDAP.

A ideia de Gottfried Feder de rompimento da escravidão financeira fez de uma nação moribunda, um povo feliz

O pensamento de Feder contido em seu "Manifesto para rompimento da escravidão pelos juros" se materializou no programa político do NSDAP. Desde 1919 (ano do tratado de Versalhes e da promulgação da Constituição da República de Weimar), este "manifesto" está no olho do furacão da história contemporânea. A concepção de Feder contra o sistema financeiro e usurário dominante apareceu em sua primeira edição, como resposta ao endividamento galopante e à desvalorização monetária na Alemanha vencida, após a Primeira Guerra Mundial.



Manifesto para rompimento da escravidão pelos juros

Com o fim da guerra em 1918, o Reichsmark oficial perdeu mais da metade de seu poder de compra em relação aos preços internos e externos, porém, no mercado negro a inflação era muito superior. Em 1923, toda a economia alemã desmoronou diante da hiperinflação provocada pelos vencedores da guerra e suas marionetes de Weimar. Fome, aflição e uma enorme miséria foram as consequências. Os alemães se tornaram um povo “em extinção”.

Para aplicação de seus objetivos político-econômicos, Feder fundou em 1919 uma das inúmeras frentes de combate da época (Frente de combate alemã para rompimento da escravidão pelos juros). O conteúdo de suas reivindicações não foi, ao contrário do que muitos pensam, uma proibição completa dos juros, mas sim inúmeras mudanças da política econômica e financeira. A principal crítica de Feder foi a tomada de crédito a juros muito elevados por parte do Estado, aliado à renúncia estatal da criação do dinheiro e sua distribuição.

Em outra brochura, Feder previu em 1919 a iminente quebra do Estado. Em 1929, apenas 10 anos após a primeira publicação de seu manifesto, aconteceu o quebra das bolsas. Subitamente todas as moedas mundo afora se desvalorizaram e tornaram-se instáveis. Na Alemanha do início da década de 1920, foi necessário lançar mão de dinheiro emergencial (*Quando falta dinheiro oficial, e estados, municípios e empresas emitem dinheiro emergencial – NR*). Como consequência da crise econômica mundial, ramos industriais caem por completo em mãos estrangeiras. Podemos citar aqui como exemplo, a fábrica da Opel que caiu em mãos norte-americanas (General Motors).

Em 1923, Gottfried Feder participou do Putsch de Hitler (marcha para a Feldherrnhalle em Munique). Apesar disso, ele não apenas permaneceu uma das lideranças mais importantes do NSDAP, mas também do círculo intelectual financeiro da Alemanha. Em 1924 foi eleito deputado no Reichstag pelo partido Nacional-Socialista da Liberdade; ele foi filiado ao partido até 1936. A partir de 1933, Feder se empenhou no congelamento da taxa de juros (na prática foi a abolição do sistema de juros compostos). Sua concepção de “rompimento da escravidão pelos juros” tomou vida sob Adolf Hitler como chanceler do Reich. A Alemanha despertou para uma nova vida e floresceu novamente.

A 30 de janeiro de 1933, quando Adolf Hitler foi incumbido pelo presidente Paul von Hindenburg para formar o novo governo com membros do NSDAP, sendo então proclamado chanceler do Reich, estava claro ao novo chanceler que o poderoso círculo inimigo no entorno da Alemanha apenas aguardava uma oportunidade para poder – de uma vez por todas – acabar com aquela tentativa do povo alemão em se libertar. Isso ficou bastante claro quando apenas um dia após a confirmação democrática de Adolf Hitler no Reichstag, a judiaria internacional declarou guerra contra a Alemanha. Isso ocorreu a 24 de março de 1933. [1]

Os vencedores exigiram após o tratado de Versalhes, também a privatização do Reichsbank (entendam como “torná-lo independente”). Seu homem na Alemanha para este projeto era o maçom Hjalmar Schacht, que havia colocado “sob a guarda” do banco central judaico dos EUA (FED), o que havia restado de ouro no Reichsbank.

Em 1953, Hjalmar Schacht publicou sua autobiografia, onde ele descreve também da seguinte forma a visita realizada no FED, em 1927, para inspecionar o ouro alemão:

"Outra experiência vivida foi fruto do Reichsbank ter mantido no Federal Reserve Bank de Nova York uma soma considerável em ouro. Strong estava muito orgulhoso em nos mostrar o cofre nos andares subterrâneos do edifício, e mencionou: 'Dr. Schacht, agora você vai poder ver onde está guardado o ouro do Reichsbank'. Nós percorremos o cofre, enquanto os funcionários procuravam o lugar onde o ouro deveria estar guardado. Nós esperamos vários minutos, até que veio a informação: 'Mr. Strong, nós não estamos conseguindo encontrar o ouro do Reichsbank'. Strong ficou muito incomodado, mas eu o consolei: 'Deixe estar, eu acredito em você, que o ouro está aí. E mesmo que ele não esteja aí, eu posso ficar com você em troca dele'." [2]

Não é surpresa alguma que fosse totalmente indiferente a Schacht, se o ouro alemão tenha ou não desaparecido, pois Benjamin Strong, na época presidente do banco central judaico FED, era seu amigo pessoal e irmão da maçonaria. E naturalmente o ouro nunca mais apareceu. Assim como hoje, onde da mesma forma o ouro da RFA também desapareceu no FED de Nova York.

Foi o mesmo Horace Greeley Hjalmar Schacht, que já em 1914 no jornal da Loja "Para amizade da Grande Loja da Prússia", publicou nas primeiras semanas de guerra uma frase onde ele salienta, que "a maçonaria alemã nunca deu espaço para sentimentos ultranacionalistas".

Schacht foi quem concebeu a espinha dorsal da Lei do Banco Central (*Reichsbankgesetz* – RbG) de 1924, onde a autonomia do Banco Central de 26 de maio de 1922 pendeu ainda mais para o controle dos Rothschild. A criação de um "Banco Central independente do governo" foi garantida pelo parágrafo 1 da nova RbG. A *Reichsbankgesetz* foi ditada à Alemanha já como ponto contratual do Plano Dawes. A 30 de novembro de 1923, a comissão de reparações decidiu convocar uma comissão de peritos sob direção do especialista escolhido pelo FED, Charles Gates Dawes, que deveria encontrar uma forma de exigir reparações da Alemanha por tempo indeterminado. O *Reichsbank* continuou a ser comandado por um conselho geral de 14 cabeças (7 eram estrangeiros) sob direção dos EUA. A cobertura em ouro foi inspecionada por um comissário estrangeiro e, segundo o parágrafo 28 da RbG, correspondeu a 40 por cento. Por isso o ouro alemão teve que ser colocado "como garantia" junto ao FED.



Alegria em viver
Dois maçons a serviço dos Rothschild

O agente alemão das Altas Finanças, que deveria conduzir a privatização do *Reichsbank* alemão foi, como já mencionado, Hjalmar Schacht, o amigo pessoal de Lord Montague Norman. Lord Norman era o diretor na época do *Bank of England*, que recebia suas diretrizes diretamente da Casa dos Rothschild.

"As atividades da oligarquia britânica foi imposta através de um bando de banqueiros dos Bancos Centrais, liderados por Lord Montague Norman, juntamente com Benjamin Strong [3] do FED de Nova York e Hjalmar Schacht do Reichsbank alemão." [4]

Schacht pertencia à elite mundial dos criminosos financeiros globais da época.

"Benjamin Strong, primeiro presidente do FED, Hjalmar Schacht, presidente do Reichsbank, Montague Norman, diretor do Bank of England e Émile Moreau, diretor do Banque de France, eram os banqueiros mais poderosos e influentes de sua época." [5]

Se Hjalmar Schacht foi denominado oficialmente como um dos mais poderosos presidentes dos Bancos Centrais do mundo, embora ele representasse o banco "nacional" de um país completamente saqueado, falido, ocupado e totalmente indefeso, então pode-se concluir que o poder, que lhe foi concedido pelas Lojas judaicas, era usado contra a Alemanha.

Literalmente podemos dizer que a Alemanha vencida foi sangrada pela política vitoriosa dos Rothschild após 1918. Do total das reparações de guerra, 45% deviam ser pagas com bens materiais (produtos industrializados, agrícolas etc); 55% em moedas estrangeiras, onde por sua vez deviam ser obtidas novamente com produtos industrializados. O povo alemão não tinha mais qualquer reserva produtiva para formar uma existência minimamente aceitável. Apenas para os juros e amortização, o Reich alemão tinha que pagar 16 bilhões de Goldmark, com os quais a

indústria foi sobrecarregada e pressionada. Para garantir estes pagamentos, o *Reichsbank* e a *Deutsche Reichsbahn* foram transformados em sociedades anônimas (privatizados) e colocados sob controle do FED e da City.

Quando no final dos anos 20, o movimento libertário nacional-socialista se tornava cada vez mais forte e tornava-se cada vez mais claro que o poder pendia para Adolf Hitler, subitamente o maçom e amigo dos exploradores, Hjalmar Schacht, começava a se aproximar dos nacional-socialistas.

"Quando ele apareceu em um jantar, acompanhado de sua esposa Luise, ela portava em seu colar de rubis e diamantes, uma suástica. 'Por que não dar uma chance aos nacional-socialistas? Eles me parecem bastante briosos', disse Schacht a uma espantada repórter". [6]

Em outubro de 1931, Schacht proferiu um discurso sensacional no encontro do NSDAP, DNVP e dos *Stahlhelm*, em Bad Harzburg, diante do "Harzburger Front", onde polemicamente atacou a privatização do *Reichsbank* que ele mesmo conduziu sob as diretrizes de Benjamin Strong e Sir Montague Norman. A partir de 1932, Schacht começou até mesmo apoiar publicamente o NSDAP.

Não achemos que Adolf Hitler não tenha entendido o jogo. Ele sabia que Schacht devia continuar a política de Banco Central independente (privatizado) na nova Alemanha, seguindo as diretrizes das Altas Finanças judaicas. Hitler sabia que se tornaria chanceler do Reich na condição de total vulnerabilidade (a Alemanha não possuía mais exército, apenas um contingente de 100 mil homens). E sendo assim, ele jogou o jogo e nomeou Schacht, a 17 de março de 1933, novamente presidente do *Reichsbank*.

É óbvio que os diretores do *Reichsbank*, colocados ali pela Casa dos Rothschild, foram imediatamente destituídos. O *Reichsbank* tinha a função de por em prática imediatamente após a nomeação de Hitler como chanceler, o "Fim da Escravidão pelos juros bancários". Não restou nada mais a Schacht do que observar passivamente a libertação da Alemanha. Os inimigos da Alemanha acreditavam, todavia, que poderiam forçar Hitler através de sanções econômicas, a restaurar a velha ordem monetária exploratória. Como outrora, Schacht deveria tornar-se novamente ativo.

Mas Adolf Hitler liquidou a influência do destrutivo sistema monetário do FED e da City na Alemanha, através de novos acordos comerciais baseados na troca de mercadorias. A importação de matérias-primas aumentou entre 1933 e 1937, de 1,4 bilhões de *Reichsmark* para 2 bilhões, enquanto a importação de produtos industrializados diminuiu de 500 para quase 400 milhões de *Reichsmark*. O comércio com a Escandinávia, sudoeste europeu e América Latina foi incentivado e realizado na base do escambo de produtos. Isso ameaçava a existência financeira e o poder internacional dos credores de Nova York e Londres.

Nesta época de hesitação do ocidente, que ainda apostava no retorno de Hjalmar Schacht no comando do poder financeiro na nova Alemanha, esta pode se armar e tornar uma guerra contra ela uma empreitada cheia de riscos e incertezas. Sob este escudo da genial política externa de

Hitler, um povo alemão moribundo floresceu já ainda em 1933. As palavras do então primeiro-ministro britânico Lloyd George diante dos jornalistas que o aguardavam em Londres, na ocasião de seu retorno de uma viagem à Alemanha, permanecerão para sempre na memória. Após sua filha ter dito no microfone *"Heil Hitler"*, Lloyd George da mesma forma emendou convicto: *"Sim, com certeza Heil Hitler. Eu digo isso porque ele é realmente um grande homem."* [7]

Hitler humilhou os invejosos das Altas Finanças à medida que colocou seu próprio homem de confiança, Hjalmar Schacht, em dezembro de 1938 em Londres, para negociar a emigração dos judeus, que também ficou conhecido como Plano Schacht-Ruble.

A 19 de janeiro de 1939, Schacht foi também destituído de sua missão oficial que deveria exercer secretamente para o FED e a City. Ele foi demitido como presidente do *Reichsbank*. Seis meses depois, a 15 de junho de 1939, o *Reichstag* votou a nova lei para os bancos – a *Reichsbankgesetz*. No diário oficial 1939 I pág. 1015, 1030 estava impresso que o *Reichsbank* teria que "se ocupar com a utilização dos meios monetários disponíveis na economia alemã de forma comunitária e pública". **"De forma comunitária"**, ou seja, sem juros.

Com esta política iniciada em 1933 em prol do bem-estar do povo alemão, em grande parte forjada na forma da lei, foi tomada a decisão derradeira das Altas Finanças judaicas em Londres e Nova York, de desencadear uma nova guerra mundial para exterminar a Alemanha. A partir de então, todo o resto foi apenas provocação, isolamento, mentiras e violência, até a declaração de guerra britânica e francesa contra a Alemanha, a três de setembro de 1939.

A libertação da Alemanha das garras das finanças mundiais não podia servir de exemplo para o restante do mundo, o que só poderia ser evitado com uma monstruosa propaganda de guerra, como era do claro conhecimento dos poderosos em Nova York e Londres. Caso houvesse uma discussão mundial sobre esta ideia de ordenamento financeiro mundial, isso teria significado o fim da supremacia judaica do FED sobre o mundo todo.

Como o fim da política de juros e com a própria geração e uso da moeda nacional para uso próprio, sem fornecê-la primeiramente ao cartel dos Rothschild (chamado hoje de "mercado") e então ter que emprestá-lo novamente contra elevadas taxas de juros, a Alemanha moribunda floresceu para um novo futuro promissor. E de um dia para outro.

Ao final de 1932, o produto interno bruto alemão apresentava uma retração de 7,5%. Adolf Hitler subiu ao poder em 30 de janeiro de 1933 e já em fevereiro de 1933, ele modificou a política monetária do *Reichsbank*, destituindo os membros estrangeiros do conselho do banco. Isso teve consequência imediata e já no final de 1933, o PIB subiu 6%.

A política econômica e monetária de Hitler acarretou já em 1937, apesar das sanções econômicas aplicadas contra o Reich, em crescimento superior a 10%. Mas o mais importante foi que, dentro deste cenário de crescimento de 10%, a inflação sob a política monetária de Hitler

foi igual a ZERO; e não havia desemprego. Mesmo durante a guerra não houve inflação, nenhum déficit orçamentário, mas havia crescimento. [8] Por isso mesmo Hitler não deixou nenhuma dívida para seu povo após a guerra mundial encenada pelos democratas, o que até mesmo foi reconhecido pelo atual ministro da fazenda, Wolfgang Schäuble: *"A última vez quando o país esteve completamente livre de dívidas foi em 1948, após a guerra e a ditadura."* [9] E ele nem ficou vermelho de vergonha por essas palavras.

Adolf Hitler conseguiu esta proeza somente pelo fato dele ter tornado a Alemanha soberana, deixando a decisão máxima sobre o desempenho produtivo e da política monetária nas mãos do povo e não sob a ditadura dos especuladores de Wall Street.

E hoje temos condições ainda piores do que na triste época da República de Weimar, sob o ditado assassino de Versalhes. As dores nós iremos sentir em breve. O redator-chefe da revista Wirtschafts Woche, Stefan Baron, já havia alertado há 22 anos:

"O Tratado de Maastricht ameaça a Alemanha com um fardo comparável apenas às reparações de guerra estabelecidas no Tratado de Versalhes, após a Primeira Guerra. Porém, Versalhes foi um ditado, já Maastricht foi acordado pelo governo Kohl por livre e espontânea vontade." [10]

Hoje, onde o BCE é chefiado pelo ex-diretor do Goldman Sachs, Mario Draghi, o qual gerencia a impressão do Euro e onde ele deve ser aplicado, foram criadas aos alemães todas as condições para eclosão de um colapso análogo àquele de 1923 e 1929.

A República alemã não é soberana para conduzir seu próprio destino; não tem que se meter com política econômica. E isso ainda é comemorado pelas marionetes do sistema monetário internacional, principalmente pelo ministro da fazenda alemão, Wolfgang Schäuble.

O chefe do BCE, Draghi segue hoje a diretriz do Goldman Sachs para que haja uma grande inflação na Alemanha, levando o crescimento na zona do Euro do atual 0% para o patamar de 1%. Segundo Draghi: *"Temos que ter uma inflação a qualquer custo. Somente inflação significa crescimento"*. [11] Sob Hitler **houve crescimento de 10% e zero de inflação**. Não parece soar como mais um escárnio a lá Versalhes, quando o ministro da fazenda da República Federal da Alemanha (RFA) declarou a 5 de setembro de 2012, no telejornal *Heute* da emissora ZDF: *"Mas eu estou plenamente convencido que o Conselho do BCE sabe que o mandato do BCE está concentrado primariamente em assegurar a estabilidade dos preços."*

Nós sabemos que as Altas Finanças mundiais ganham muito mais nas guerras e situações inflacionárias, por isso é coerente esta política monetária do Lobby através de seu instrumento BCE. Sendo assim, o ministro da fazenda da RFA prometeu avançar com o multilicador de dívidas dos Rothschild na ocasião da Conferência Monetária de Washington em 2013, seguindo a diretriz para aumento constante do endividamento futuro das nações. Schäuble foi perguntado quando a Alemanha pagará suas dívidas. Sua resposta: *"Espero que nunca!"* [12]

A fórmula para o bem-estar dos povos seria tão fácil, se os políticos e demais governantes dos países apenas servissem ao povo e não às Altas Finanças. O saque das pessoas por parte das finanças mundiais através da utilização de seu mortal sistema financeiro e monetário deve ser impedido. Os países devem se tornar novamente soberanos na questão de emissão de seu próprio dinheiro. Gottfried Feder esclarece isso em sua obra "Manifesto para rompimento da escravidão pelos juros bancários".

"Todo capital equivale ao trabalho realizado. O grande capital em si é improdutivo, pois o dinheiro em si é apenas algo improdutivo. Do espírito, do trabalho e das matérias-primas existentes ou angariadas são criados valores, produtos são fabricados, através do trabalho e somente através do trabalho."

Esta regra básica para o florescimento da existência humana foi seguida por Adolf Hitler, e assim ele pode fazer de um povo destruído pelas Altas Finanças, novamente "uma nação feliz".

Tomemos o exemplo da Casa dos Rothschild, que em 1800 não possuía qualquer quantia relevante de dinheiro. Porém, em pouco tempo, sem qualquer atividade produtiva, seu capital ultrapassava em diversas vezes aquele das indústrias de transformação. Citando mais uma vez o livro de Gottfried Feder:

"O patrimônio da Casa dos Rothschild, a mais antiga plutocracia internacional, é estimada hoje (1919) em 40 bilhões. É sabido que o velho Amschel Mayer Rothschild não tinha qualquer capital expressivo por volta de 1800, mas que através do empréstimo dos milhões que o conde Wilhelm I, de Hessen, lhe havia confiado a custódia, ele obteve a pedra fundamental da imensa fortuna de sua Casa."

O que nós vivenciamos hoje – as pessoas são saqueadas pelo BCE – é apenas a continuação daquilo que começou há mais de 300 anos na Inglaterra. Depois que Cromwell recebeu os judeus na Inglaterra 400 anos depois de sua expulsão, iniciou-se a era do atual sistema monetário.

No capítulo sobre os proprietários das quotas do *Bank of England* (1694-1797) em seu livro sobre a história do banco, Sir John Clapham percebeu o grande número de nomes portugueses e espanhóis dos judeus sefarditas, e que apareciam na lista dos quotistas dos anos anteriores do Banco Central inglês. Ele constatou que estes nomes do ano 1701 perfaziam 90 por cento dos 107 membros fundadores do *Bank of England*. Entre eles se encontravam dois da Costa, um Fonseca, um Henriquez, um Mendes, um Nuñez, um Rodrigues, um Salvador, um Teixeira de Mattos, um Solomon de Medina. Clapham traçou um paralelo com o *Bank of Amsterdam*, cuja fundação apontava a presença de 25 judeus entre os proprietários. M. Hyamson escreve em sua obra *The Sephardim of England*, que um certo Jacob Henriquez, na ocasião de uma petição logo após a coroação do rei George III, lembrou dos serviços de seu pai na fundação do *Bank of England*.

Com a criação de uma instituição privada como Banco Central do Império Britânico, literalmente os conspiradores do dinheiro tiveram diante de si abertos os portões do mundo. Tudo o que eles tiveram que fazer para cobrar tributos de metade do globo, foi um aporte irrisório no capital social inicial do *Bank of England*. Poucos anos após a fundação do Banco Central britânico privado, o papel-moeda foi inserido. Os proprietários do Banco Central podiam imprimir papel e emprestá-lo a juros (tributos) ao Estado, às instituições e ao setor privado. Os impostos aumentaram por este motivo em todos os setores drasticamente, pois doravante para cada quantidade de papel emitido, tinha-se que pagar os tributos. Ninguém questionava por que o Estado não imprimia ele mesmo o papel e com isso poupava o povo dos juros incomensuráveis.

Resumindo: com a autonomia sobre a própria criação do dinheiro, Hitler conseguiu o bem-estar e o crescimento sem aumento dos preços, sem inflação. Hoje em dia, as Altas Finanças mundiais, com autonomia sobre nosso dinheiro, geram apenas pobreza e inflação. Quem não quer enxergar isso, logo terá que senti-lo na própria pele.

E para que este assustador sistema financeiro mundial do FED permaneça intocável, nós somos bombardeados com a maior mentira da história da humanidade, evitando assim que estudemos a política econômica de Adolf Hitler. O professor da Faculdade de Economia da Universidade do Missouri-Kansas City, Michael Hudson, esclareceu com palavras claras, que Wall Street é responsável pela mentira histórica que recaí sobre a Alemanha. Segundo Hudson:

"Eles não podem ensinar história na Alemanha como ela realmente aconteceu... Toda a teoria política de endividamento foi desenvolvida por Wall Street. De repente deram aos alemães uma história falsa. Olhem nos livros alemães e lá vão encontrar propaganda dos bancos, mês após mês, ano após ano." [13]

E o renomado historiador russo e ex-embaixador soviético na RFA, Valentin Falin, respondeu a 16 de setembro de 2014, em um debate promovido pelo canal da televisão estatal russa, se ele estava insatisfeito com a historiografia oficial que é ensinada nas escolas e universidades na Rússia:

"Em princípio eu não estou satisfeito com a historiografia oficial, tanto do século XX como a do XIX. [...] A historiografia cumpre plenamente seu papel somente quando ela se baseia em fatos, apenas em fatos e sobre todos os fatos. Ou seja, nós temos que considerar todo o cenário. Nós devemos observar exatamente quando começou de fato a 2ª Guerra Mundial e se ela foi na realidade uma continuação da 1ª Guerra Mundial."

National Journal, 30/09/2014.

[1] Judea Declares War on Germany (Daily Express, London, 24. März 1933, S. 1)

[2] "76 Jahre meines Lebens", Kindler + Schiermeyer, 3. Aufl. 1953, S. 331

[3] Benjamin Strong participou ativamente na criação FED. Ele era presidente do Banker's Trust e em 1914 foi nomeado primeiro presidente do Federal Reserve Bank of New York (na época, o FED). Strong foi incumbido de apoiar os aliados dos EUA na guerra contra o Reich alemão. A ambição de Strong era tornar os EUA em potência financeira mundial dominante, à medida que ele interferia na política internacional através do FED.

[4] BRITISH FINANCIAL WARFARE: 1929; 1931- 33, HOW THE CITY OF LONDON CREATED THE GREAT DEPRESSION, von Webster G. Tarpley, December, 1996

[5] James Turk, GoldMoney, sott.net, 30.06.2012

[6] Spiegel.de, 10.11.2006

[7] A.N. Wilson, HITLER, 2012. "A short biography".

[8] "O déficit orçamentário era mínimo e mesmo em 1938, época de uma maciça preparação bélica, foi comparado com o Produto Social, inferior ao que temos hoje. Em um período de economia de guerra... a produção era mais elevada do que em 1939, apesar de do terror aéreo e falta de matéria-prima. Estes números que não encontram paralelo na história da humanidade, são tão expressivos que suas origens devem ser mantidas escondidas... Podemos nos privar de receitas de sucesso apenas porque Adolf Hitler as utilizou? (Revista Wirtschaftswoche, nr. 29/1991, pág. 110) Fonte para os números referentes ao crescimento e estabilidade de preços sob Hitler: WiSta 3/2009.

[9] Süddeutsche Zeitung, 14.10.2013, S. 4

[10] Wirtschafts Woche 42/9.10.1992, S. 3

[11] sueddeutsche.de, 05.06.2014

[12] Süddeutsche Zeitung, 14.10.2013, S. 4

[13] RT (boom and bust), January 16, 2014

Como Hitler enfrentou o desemprego

Para lidar com o desemprego massivo e a paralisia econômica da Grande Depressão, ambos os governos dos EUA e Alemanha lançaram programas inovadores e ambiciosos. Embora as medidas do “New Deal” do presidente Franklin Roosevelt ajudaram apenas marginalmente, as políticas muito mais focadas e compreensivas do Terceiro Reich provaram-se notavelmente eficazes.

Como Hitler enfrentou o desemprego e reviveu a economia da Alemanha.

Dentro de três anos o desemprego foi banido e a economia da Alemanha estava florescendo. E enquanto o recorde de Roosevelt ao lidar com a Depressão é muito bem conhecido, a excepcional história de como Hitler enfrentou a crise não é amplamente conhecida ou apreciada.

Hitler se tornou chanceler da Alemanha em 30 de janeiro de 1933. Poucas semanas mais tarde, em 4 de março, Franklin Roosevelt tomou posse como presidente dos Estados Unidos. Cada homem permaneceu como o chefe executivo de seu país pelos próximos doze anos – até abril de 1945, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. No início de 1933, a produção industrial em cada país havia caído para cerca de metade do que ela tinha sido em 1929. Cada líder rapidamente lançou novas e fortes iniciativas para enfrentar a terrível crise econômica, acima de tudo o flagelo do desemprego em massa. E, entretanto, existirem surpreendentes semelhanças entre os esforços dos dois governos, os resultados foram muito diferentes.

Um dos economistas americanos mais influentes e amplamente lidos do século vinte foi John Kenneth Galbraith. Ele foi um assessor para muitos presidentes e, por um tempo, serviu como embaixador na Índia. Ele foi o autor de várias dúzias de livros e por anos ensinou economia na universidade de Harvard. A respeito do recorde da Alemanha, Galbraith escreveu: “... A eliminação do desemprego na Alemanha durante a Grande Depressão, sem inflação – e com respaldo inicial em atividades civis essenciais – foi uma realização significativa. Ela raramente tem sido louvada e não muito notada. A noção de que Hitler não podia fazer algo bom estende-se à sua economia, como também, mais plausivelmente, a tudo o mais.”

A política econômica do regime de Hitler, Galbraith continua, envolvia “empréstimos de larga escala para despesas públicas, e em primeiro isto era principalmente para trabalho civil – ferrovias, canais e as Autobahnen [malha rodoviária]. O resultado era um ataque muito mais efetivo contra o desemprego do que em algum outro país industrial.” [1] “Ao fim de 1935,” ele também escreveu, “desemprego estava acabando na Alemanha. Em 1936 a alta da renda estava puxando os preços para cima ou tornando possível aumentá-los... Alemanha, ao final da década de trinta, tinha a todos empregados com os preços estáveis. Isto era, no mundo industrial, uma realização absolutamente única.” [2] “Hitler também antecipou a moderna política econômica,” o economista observou, “ao reconhecer que uma rápida aproximação ao desemprego zero era somente possível se ela fosse combinada com controle de salário e preço. Que uma nação oprimida por temores econômicos responderia a Hitler como os americanos fizeram a Roosevelt não é surpreendente.” [3]

Outros países, Galbraith escreveu, falharam em compreender ou aprender da experiência alemã: “O exemplo alemão era instrutivo, mas não persuasivo. Conservadores ingleses e americanos olhavam para as heresias financeiras dos Nazis – o empréstimo e o gasto – e uniformemente previam um colapso... E os socialistas liberais americanos e britânicos olhavam para a repressão, a destruição dos sindicatos, os camisas-marrom, os camisas-negra, os campos de concentração, e a oratória estridente, e ignoravam a economia.” Nada bom [eles acreditavam], nem mesmo desemprego zero, poderia vir de Hitler.” [4]

Dois dias depois de tomar posse como chanceler, Hitler se dirigiu à nação por rádio. Apesar de ele e outros líderes de seu movimento tivessem feito claras as suas intenções de reorganizar a vida social, política, cultural e educacional da nação de acordo com os princípios Nacional-Socialistas, todo mundo sabia que, com cerca de seis milhões de desempregados e a economia nacional em paralisia, a grande prioridade do momento era restaurar a vida econômica da nação, acima de tudo por enfrentar o desemprego e prover trabalho produtivo.

"A miséria de nosso povo é horrível de se observar!" disse Hitler neste discurso inaugural. [5] "Juntamente com a fome de milhões de trabalhadores industriais desempregados, há o empobrecimento de toda a classe média e dos artesões. "Se este colapso finalmente também destruir os agricultores alemães nós enfrentaremos uma catástrofe de dimensões incalculáveis. Pois isto não seria apenas o colapso de uma nação, mas de uma herança de dois mil anos de algumas das maiores conquistas da cultura humana e civilização..."

O novo governo, disse Hitler, "efetuará a grande tarefa de reorganizar a economia de nossa nação por meio de dois grandes planos de quatro anos. O agricultor alemão deve ser resgatado para manter o suprimento de alimento e, em seqüência, a fundação vital da nação. O trabalhador alemão será salvo da ruína com um ataque combinado e abrangente contra o desemprego."

"Dentro de quatro anos," ele garantiu, "desemprego deve ser decisivamente superado... Os partidos marxistas e seus aliados tiveram 14 anos para mostra o que eles podem fazer. O resultado é um monte de ruínas. Agora, povo da Alemanha, nos dê quatro anos e então passe julgamento sobre nós!"

Rejeitando as visões econômicas nebulosas e impraticáveis de alguns ativistas radicais em seu partido, Hitler se voltou para homens de provada habilidade e competência. Mais notavelmente, ele recrutou a ajuda de Hjalmar Schacht, um proeminente banqueiro e financista com um impressionante recorde em ambos, serviço público e serviço privado. Apesar de que Schacht não fosse certamente nacional-socialista, Hitler nomeou-o Presidente do Banco Central da Alemanha, o Reichsbank, e então como Ministro da Economia.

Após tomar o poder, escreve Prof. John Garraty, um proeminente historiador americano, Hitler e seu novo governo "imediatamente lançaram um assalto total contra o desemprego... Eles estimularam a indústria privada através de subsídios e descontos de impostos, encorajaram o consumidor a gastar, por meios tais como, empréstimos para casamentos, e lançaram-se no programa massivo de trabalho público, que produziu as Autobahn [sistema de auto-estradas], e habitação, ferrovias e projetos de navegação." [6]

Os líderes do novo regime também lograram em persuadir antigos céticos e mesmo alemães hostis de sua sinceridade, resolução e habilidade. Este crédito e confiança promovidos, que por sua vez encorajou empresários a contratar e investir, e consumidores a gastar com um visão para o futuro.

Como ele prometeu, Hitler e seu governo Nacional Socialista banuiu o desemprego dentro de quatro anos. O número de desempregados caiu de seis milhões no início de 1933, quando ele tomou poder, para um milhão em 1936. [7] Tão rapidamente a taxa de desemprego foi reduzida que por 1937-38 havia uma escassez nacional de mão de obra. [8]

Para a grande massa de alemães, salários e condições de trabalho melhoraram prontamente. De 1932 a 1938 o ganho bruto semanal aumentou 21 por cento. Após levar em conta taxas e deduções de seguro e ajustes ao custo de vida, o aumento de ganho semanal real durante este período era de 14 por cento. Ao mesmo tempo, os aluguéis se mantiveram estáveis, e houve um relativo declínio no custo de aquecimento e luz. Preços realmente caíram para os bens de

consumo, tais como aparelhos elétricos, relógios, tanto como para alguns alimentos. A renda dos trabalhadores continuou a aumentar mesmo após a eclosão da guerra. Em 1943, a média de ganhos por hora dos trabalhadores alemães havia aumentado em 15 por cento, e os ganhos semanais em 41 por cento. [9]

O dia de trabalho “normal” para a maioria dos alemães era de oito horas, e o pagamento por hora extra era generoso. [10] Em adição à altos salários, benefícios incluíam, notavelmente, melhoradas condições de trabalho, tais como melhores condições de saúde e segurança, cantinas com refeições quentes subsidiadas, campos para atletismo, parques, performances de teatro e concertos subsidiados, exibições, grupos de esporte e caminhadas, danças, cursos para educação de adultos, e turismo subsidiado. [11] Uma já extensiva rede de programa de bem-estar social, incluindo seguro para a velhice e um sistema nacional de assistência médica, foi expandida.

Hitler queria que os alemães tivessem “os mais altos padrões de vida,” ele disse em uma entrevista com um jornalista americano no início de 1934. “Em minha opinião, os americanos estão certos em não querer fazer de todos o mesmo, mas pelo contrário, defender o princípio da escada (N.T.: de progressão na vida). Entretanto, à toda pessoa deve ser garantida a oportunidade de ascender na escada.” [12] Em consonância com este panorama, o governo de Hitler promoveu a mobilidade social, com amplas oportunidades para melhorar e avançar. Como Prof. Garraty observa: “Está além de argumento que os Nazis encorajavam a mobilidade econômica e social da classe trabalhadora.” Para encorajar a aquisição de novas habilidades, o governo expandiu grandemente programas de treinamento vocacional, e ofereceu incentivos generosos para maior avanço de trabalhadores qualificados. [13]

Ambos, a ideologia Nacional Socialista e a perspectiva básica de Hitler, escreve o historiador John Garraty, “inclinavam o sistema a favorecer o alemão comum sobre qualquer outro grupo de elite. Trabalhadores... tinham um lugar honrado no sistema.” Em acordo com isto, o regime providenciava uma substantiva margem de benefícios para os trabalhadores, o que incluía habitação subsidiada, excursões a baixo custo, programas de esportes, e instalações mais agradáveis nas fábricas. [14]

Em sua detalhada e crítica biografia de Hitler, o historiador Joachim Fest reconheceu: “O regime insistia que não havia o domínio de uma classe social acima das outras, e que por garantir a todos oportunidades de se erguer, ele de fato demonstrava neutralidade de classe... Essas medidas, de fato, romperam as velhas, petrificadas estruturas sociais. Eles nitidamente melhoraram as condições materiais de muito da população.” [15]

Uns poucos números dão uma idéia de como a qualidade de vida melhorou. Entre 1932, o último ano da era pré-Hitler, e 1938, o último ano completo antes do início da guerra, o consumo de alimento aumentou por um sexto, enquanto que o volume de negócio têxtil e de vestuário aumentou por mais de um quarto, e de mobília e artigos domésticos em 50%. [16] Durante os anos de paz do Terceiro Reich, o consumo de vinho aumentou em 50%, e o de champanhe cinco vezes. [17] Entre 1932 e 1938, o volume de turismo mais que dobrou, enquanto que a propriedade de automóveis durante a década de 30 triplicou. [18] A produção alemã de motores de veículos, o que incluía carros produzidos pelas americanas Ford e General Motors, dobrou nos cinco anos de 1932 a 1937, enquanto que as exportações da Alemanha de motores para veículos aumentaram oito vezes. O tráfego de passageiros aéreos na Alemanha mais que triplicou de 1933 a 1937. [19]

Negócios alemães reviveram e prosperaram. Durante os primeiros quatro anos da era Nacional Socialista, o lucro líquido de grandes corporações quadruplicou, e a renda do setor gerencial e empresarial aumentou aproximadamente 50%. “Coisas estavam para ficar ainda melhores,” escreve o historiador judeu Richard Grunberger, em seu detalhado estudo, *The Twelve-Year Reich* (N.T.: O Reich de Doze Anos). “Nos três anos entre 1939 e 1942 a indústria alemã expandiu tanto quanto nos cinquenta anos precedentes.” [20]

Apesar dos negócios alemães florescerem, ganhos eram controlados e por lei, foram mantidos dentro de limites moderados. [21] Começando em 1934, dividendos para acionistas de

corporações alemãs eram limitados a seis por cento anuais. Lucros não distribuídos eram investidos em títulos do governo do Reich, que tinham um rendimento anual de juros de seis por cento, e então, após 1935, de quatro e meio por cento. Esta política tinha o efeito previsível de encorajar a reinvestimento e auto-financiamento, e desse modo, reduzir empréstimos de bancos e, mais amplamente, de diminuir a influência do capital comercial. [22]

Taxas de impostos sobre corporações foram gradualmente elevadas, de 20% em 1934 para 25% em 1936, e para 40% em 1939-40. Diretores de companhias alemãs poderiam conceder bônus aos gerentes, mas somente se estes fossem diretamente proporcionais aos lucros e eles também autorizavam bônus correspondentes ou “contribuições sociais voluntárias” aos empregados. [23] Entre 1934 e 1938, a renda bruta tributável dos empresários alemães aumentou cerca de 148%, e o volume fiscal total aumentou durante este período cerca de 232%. O número de contribuintes na mais alta faixa de renda – aqueles ganhando mais de 100.000 Marcos anualmente – aumentaram neste período cerca de 445%. (Em contraste, o número de contribuintes na mais baixa faixa de renda – aqueles ganhando menos de 1500 Marcos anualmente – aumentou apenas cerca de 5%.) [24]

Tributação na Alemanha Nacional Socialista era nitidamente “progressiva”, com aqueles de maior renda pagando proporcionalmente mais que aqueles de menor renda. Entre 1934 e 1938, a taxa fiscal média sobre rendimentos de maiores que 100.000 Marcos aumentou de 37,4% para 38,2%. Em 1938, alemães nas mais baixas faixas de imposto eram 49% da população e tinham 14% da renda nacional, mas pagavam apenas 4.7% de carga tributária. Aqueles na categoria de renda mais alta, que eram apenas um por cento da população, mas com 21% da renda, pagavam 45% de carga tributária. [25]

Judeus compunham cerca de um por cento do total da população da Alemanha quando Hitler chegou ao poder. Enquanto o novo governo agiu rapidamente para removê-los da vida cultural e política da nação, judeus foram permitidos continuar na vida econômica, ao menos por vários anos. De fato, muito judeus se beneficiaram das medidas de recuperação do regime e o reavivamento econômico geral. Em junho de 1933, por exemplo, Hitler aprovou um investimento de larga escala de 14,5 milhões de Marcos na firma de propriedade de judeus Hertie, uma cadeia de lojas de departamento de Berlim. Este “bail out” foi feito para prevenir a ruína dos fornecedores, financiadores, e, acima de tudo, dos 14.000 empregados da grande firma. [26]

Prof. Gordon Craig, que por anos ensinou história na Stanford University, aponta: “Em vestuário e mercado de varejo, firmas judias continuaram a operar proveitosamente até 1938, e em Berlim e Hamburgo, em particular, estabelecimentos de conhecida reputação e gosto continuaram a atrair seus antigos clientes, apesar de sua propriedade por judeus. No mundo da finança, nenhuma restrição foi colocada sobre as atividades de firmas judias na Bolsa de Berlim [mercado de ações], e até 1937 as casas bancárias de Mendelssohn, Bleichröder, Arnhold, Dreyfuss, Straus, Warburg, Aufhäuser, e Behrens ainda estavam ativas.” [27] Cinco anos após Hitler ter chegado ao poder, o papel judaico na vida empresarial era ainda significativo, e judeus ainda mantinham considerável patrimônio imobiliário, especialmente em Berlim. Isto mudou notavelmente em 1938, entretanto, e ao fim de 1939, judeus haviam sido largamente removidos da vida econômica da Alemanha.

A taxa de crime na Alemanha caiu durante os anos de Hitler, com significantes quedas nas taxas de homicídio, roubo, furto, fraude e pequeno estelionato. [28] Melhorias na saúde e no panorama dos alemães impressionou muitos estrangeiros. “Mortalidade infantil tem sido grandemente reduzida e é consideravelmente inferior à da Grã Bretanha,” escreveu Sir Arnold Wilson, um membro do parlamento britânico que visitou a Alemanha sete vezes após Hitler ter chegado ao poder. “Tuberculose e outras doenças notavelmente diminuíram. As cortes criminais nunca tiveram tão pouco para fazer e as prisões nunca tiveram tão poucos ocupantes. É um prazer observar a aptidão física da juventude alemã. Mesmo as pessoas mais pobres estão melhores vestidas que estavam antes, e suas faces alegres testemunham a melhora psicológica que tem sido forjada dentro delas.” [29]

A melhoria do bem estar psicológico-emocional dos alemães durante este período também foi notada pelo historiador social Richard Grunberger. "Pode haver pouca dúvida," ele escreveu, "que a tomada de poder [Nacional Socialista] engendrou uma generalizada melhoria na saúde emocional; isto não foi apenas um resultado da ascensão econômica, mas da elevação do senso de identificação de muitos alemães com o propósito nacional." [30]

Áustria experimentou uma dramática ascensão após se unir ao Reich alemão em março de 1938. Imediatamente após o Anschluss ("união"), oficiais agiram rapidamente para aliviar a aflição social e revitalizar a moribunda economia. Investimento, produção industrial, habitação, construção, gastos dos consumidores, turismo e o padrão de vida subiram rapidamente. Entre junho e dezembro 1938 apenas, a renda dos trabalhadores da Áustria subiu cerca de 9%. O sucesso do regime Nacional Socialista em banir o desemprego foi tão rápido que o historiador americano Evan Burr Bukey chamou-o de "uma das mais notáveis realizações econômicas na história moderna." A taxa de desemprego na Áustria caiu de 21,7% em 1937 para 3,2% e, 1939. O PIB austríaco subiu de 12,8% em 1938, e um surpreendente 13,3% em 1939. [31]

Uma importante expressão de confiança nacional foi o aumento acentuado na taxa de nascimentos. Dentro de um ano após Hitler chegar ao poder, a taxa de natalidade alemã pulou para cerca 22%, elevando-se a um alto ponto em 1938. Ela se manteve mesmo alta em 1944 – o último ano completo da Segunda Guerra. [32] Na visão do historiador John Lukacs, este salto na taxa de natalidade foi uma expressão do "otimismo e confiança" dos alemães durante os anos de Hitler. "Para cada duas crianças nascidas na Alemanha em 1932, três nasceriam quatro anos mais tarde," ele nota. "Em 1938 e 1939, a mais alta taxa de casamentos em toda a Europa foi registrada na Alemanha, superando mesmo aquelas entre os prolíficos povos da Europa oriental. A fenomenal alta da taxa de nascimentos alemães na década de 30 foi até mais acentuada do que o aumento na taxa de casamentos." [33] "A Alemanha Nacional Socialista, sozinha entre países povoados por brancos, sucedeu em alcançar algum aumento na fertilidade," registra o excelente historiador americano, escocês por nascimento, Gordon A. Craig, com um acentuado aumento na taxa de natalidade após Hitler chegar ao poder, e uma elevação regular nos anos seguintes. [34]

Em um longo discurso ao Reichstag no início de 1937, Hitler lembrou os compromissos que ele havia feito quando seu governo assumiu o poder. Ele também explicou os princípios sobre os quais sua política estava baseada, e olhou para trás ao que ele havia realizado em quatro anos. [35] "... Aqueles que falam sobre 'democracias' e 'ditaduras'," ele disse, "simplesmente não entendem que uma revolução foi realizada neste país, os resultados do que pode ser considerado democrático no mais alto senso do termo, se democracia tem algum significado real... A revolução Nacional Socialista não objetivou em tornar uma classe privilegiada em uma classe que não terá direitos no futuro. Seu objetivo tem sido dar direitos iguais para aqueles que não têm direitos... Nosso objetivo tem sido fazer possível para todo o povo alemão ser ativo, não somente na economia, mas também no campo político, e garantir isto por envolver as massas organizacionalmente... Durante os últimos quatro anos nós aumentamos a produção alemã em todas as áreas a um grau extraordinário. E este aumento na produção tem sido para o benefício de todos os alemães."

Em outro discurso, dois anos mais tarde, Hitler falou brevemente sobre as realizações econômicas de seu regime: [36] "Eu superei o caos na Alemanha, restaurei a ordem, aumentei enormemente a produção em todos os campos de nossa economia nacional, por árduos esforços produzimos substitutos para numerosos materiais que nos falta, encorajamos novas invenções, desenvolvemos tráfego [N.T.: de veículos], fizemos a construção de poderosas estradas e cavamos canais, erguemos fábricas gigantes, e ao mesmo tempo empenhamo-nos para favorecer a educação e cultura de nosso povo para o desenvolvimento de nossa comunidade social. Eu logrei em encontrar trabalho útil uma vez mais para o todo de sete milhões de desempregados, o que tão tocou nossos corações, em manter o camponês alemão em seu solo apesar de todas as dificuldades, e em preservar a terra ela própria para ele, em restaurar o próspero comércio alemão, e em promover o intercâmbio comercial ao máximo."

O historiador americano John Garraty comparou as respostas alemãs e americanas para a Grande Depressão em artigo muito discutido publicado no *American Historical Review*. Ele escreveu: [37] "Os dois movimentos [isto é, no EUA e na Alemanha], entretanto reagiram à Grande Depressão de formas similares, distintas daquelas de outras nações industriais. Dos dois, os Nazis foram os mais bem sucedidos em curar as doenças econômicas dos anos 30. Eles reduziram o desemprego e estimularam a produção industrial mais rápido que os americanos fizeram e, considerando seus recursos, manejaram seus problemas monetários e de comércio com mais sucesso, certamente mais imaginativamente. Isto foi em parte porque os Nazis empregaram o déficit financeiro em uma escala muito maior e em parte porque seu sistema totalitário melhor se prestava para a mobilização da sociedade, ambos por força e por persuasão. Por 1936 a depressão estava substancialmente acabada na Alemanha, e muito distante de terminar nos Estados Unidos."

De fato, a taxa de desemprego nos Estados Unidos permaneceu alta até que o estímulo de larga escala de produção de guerra teve lugar. Mesmo tão tarde quanto em março de 1940, a taxa de desemprego nos EUA ainda estava quase 15% da força de trabalho. Foi a produção para a guerra, não os programas do "New Deal" de Roosevelt, que finalmente trouxeram todos os empregos. [38]

Prof. William Leuchtenburg, um proeminente historiador americano, melhor conhecido por seus livros sobre a vida e carreira de Franklin Roosevelt, resumiu o recorde misto do presidente em um altamente aclamado estudo. "O New Deal deixou muitos problemas não resolvidos e mesmo criou alguns perplexamente novos," concluiu Leuchtenburg. "Ele nunca demonstrou que ele poderia alcançar prosperidade em tempos de paz. Tão tarde quanto 1941, o desemprego ainda contava seis milhões, e não até o ano de guerra de 1943 o exército de desempregados finalmente desapareceu." [39]

O contraste entre os registros da economia alemã e a americana durante os anos 30 é tão mais impressionante quando se leva em conta que os EUA tinham uma riqueza de recursos naturais vastamente maiores, incluindo grandes reservas de petróleo, tanto quanto uma densidade populacional mais baixa, e vizinhos não hostis e bem armados.

Uma comparação interessante das abordagens americana e alemã para a Grande Depressão apareceu em 1940 em um artigo do semanário berlinense *Das Reich*. Intitulado "Hitler e Roosevelt: Um Sucesso Alemão, Uma Tentativa Americana," o artigo citava o "sistema parlamentar-democrático" dos Estados Unidos como o fator chave na falha dos esforços da administração Roosevelt para restaurar a prosperidade. "Nós [alemães] começamos com uma idéia e levamos adiante medidas práticas sem levar em conta as conseqüências. América começou com muitas medidas práticas que, sem coerência interna, encobriu cada ferida com um curativo especial." [40]

Poderia as políticas econômicas de Hitler funcionar nos Estados Unidos? Essas políticas são provavelmente mais manobráveis em países tais como Suécia, Dinamarca, e a Holanda, com uma população bem educada, auto-disciplinada e étnica-culturalmente coesiva, e um tradicionalmente forte caráter "comunitário" com um alto nível de confiança social. As políticas econômicas de Hitler são menos aplicáveis nos Estados Unidos e outras sociedades com uma população étnica-culturalmente diversa, um mercado individualismo, tradição "laissez-faire" [N.T.: total liberalismo econômico], e um espírito "comunitário" correspondentemente mais fraco. [41]

Hitler ele próprio uma vez fez uma impressionante comparação dos sistemas social-político-econômico dos Estados Unidos, União Soviética e Alemanha. Durante um discurso no final de 1941 ele disse: [42]

"Nós agora viemos a conhecer dois [social-político] extremos. Um é aquele dos estados capitalistas, que usam mentiras, fraude e embuste para negar a seus povos os direitos vitais

mais básicos, e que estão inteiramente preocupados com seus próprios interesses financeiros, pelos quais eles estão prontos para sacrificar milhões de pessoas. De outro lado nós temos visto o extremo comunista [na União Soviética]: um estado que trouxe miséria indescritível para milhões e milhões, e que, seguindo sua doutrina, sacrifica a alegria de outros. Disto [conscientização], em meu ver, há para todos nós somente uma obrigação, nominalmente, de empenharmo-nos mais do que nunca em direção a nosso ideal nacional e socialista... Neste estado [alemão] o princípio prevalecente não é, como na Rússia Soviética, o princípio da tal chamada igualdade, mas ao contrário, somente o princípio de justiça.”

David Lloyd George – que tinha sido primeiro ministro britânico durante a Primeira Guerra Mundial – fez uma extensa tour pela Alemanha no final de 1936. Em um artigo publicado mais tarde em um dos principais jornais de Londres, o homem de estado britânico recontou o que ele tinha visto e experimentado. [43] “O que quer que alguém possa pensar de seus [Hitler] métodos,” escreveu Lloyd George, “e ele são certamente não aqueles de um país parlamentar, não pode haver dúvida que ele realizou uma maravilhosa transformação no espírito do povo, em sua atitude acerca de um para com o outro, e em seu panorama econômico e social.

“Ele com direito clamou em Nuremberg que em quatro anos seu movimento tinha feito uma nova Alemanha. Ela não é a Alemanha da primeira década que seguiu a guerra – quebrada, desanimada e encurvada com um senso de apreensão e impotência. Ela é agora cheia de esperança e confiança, e de um renovado senso de determinação que conduz sua própria vida sem interferência de qualquer influência do exterior de suas próprias fronteiras.”

“Há pela primeira vez desde a guerra um senso geral de segurança. As pessoas estão mais alegres. Há um grande senso de alegria geral de espírito por todo o país. É uma Alemanha mais feliz. Eu vi isso em todos os lugares, e ingleses que eu conheci durante minha viagem e que conheciam bem a Alemanha estavam muito impressionados com esta mudança.”

“Este grande povo,” o experiente estadista passou a avisar, “trabalhará melhor, sacrificará mais, e, se necessário, lutará com maior resolução porque Hitler lhes pede que o façam. Aqueles que não compreendem este fato central não podem julgar as presentes possibilidades da moderna Alemanha.”

Apesar do preconceito e ignorância ter impedido o entendimento e uma compreensão mais ampla das políticas econômicas de Hitler e seu impacto, seu sucesso na política econômica tem sido reconhecido por historiadores, incluindo estudiosos que são geralmente muito críticos do líder alemão e das políticas de seu regime.

John Lukacs, um historiador húngaro-americano cujos livros tem gerado muitos comentários e elogios, escreveu: “As realizações de Hitler, doméstica em vez de estrangeiras, durante os seis anos [de paz] de sua liderança da Alemanha foram extraordinárias... Ele trouxe prosperidade e confiança aos alemães, o tipo de prosperidade que é o resultado da confiança. Os anos 30, após 1933, foram anos dourados para a maioria dos alemães; algo que permaneceu nas memórias de uma geração inteira entre eles.” [44]

Sebastian Haffner, um influente jornalista e historiador alemão que também era um feroz crítico do Terceiro Reich e sua ideologia, comentou a vida e legado de Hitler em livro muito discutido. Apesar de sua representação do líder alemão em *The Meaning of Hitler* (N.T.: O Significado de Hitler) ser áspera, o autor escreve todo o mesmo: [45]

“Entre as realizações positivas de Hitler a que resplandece sobre todas outras foi seu milagre econômico.” Enquanto o resto do mundo estava ainda atolado na paralisia econômica, Hitler fez da “Alemanha uma ilha de prosperidade.” Dentro de três anos, Haffner continua, “necessidade gritante e dificuldade em massa geralmente se tornou em prosperidade modesta, mas

confortável. Quase igualmente importante: desamparo e desesperança deram lugar à certeza e auto-confiança. Mesmo mais miraculoso foi o fato que a transição da depressão ao boom econômico foi realizada sem inflação, em salários e preços totalmente estáveis... É difícil de descrever adequadamente a grata admiração com que os alemães reagiram àquele milagre, que, mais particularmente, fez vastos números de trabalhadores alemães trocarem dos social-democratas e comunistas para Hitler após 1933. Esta gratificante surpresa dominou o humor das massas alemãs durante o período de 1936 a 1938..."

Joachim Fest, outro proeminente jornalista e historiador alemão, examinou a vida de Hitler em uma aclamada e compreensiva biografia. "Se Hitler tivesse sucumbido em assassinato ou um acidente no final de 1938," ele escreveu, "poucos hesitariam de chamá-lo de um dos maiores estadistas alemães, o consumidor da história alemã." [46] "Nenhum observador objetivo da cena alemã poderia negar as consideráveis façanhas de Hitler," notou o historiador americano John Toland. "Se Hitler tivesse morrido em 1937 no quarto aniversário de sua chegada ao poder... ele indubitavelmente teria caído como uma das maiores figuras da história da Alemanha. Por toda Europa ele tinha milhões de admiradores." [47]

Mark Weber

Fonte: <http://www.ihr.org/other/economyhitler2011.html>

Tradução livre e adaptação por Viktor Weiß

Notas:

[1] J. K. Galbraith, *Money* (Boston: 1975), pp. 225-226.

[2] J. K. Galbraith, *The Age of Uncertainty* (1977), pp. 214.

[3] J. K. Galbraith em *The New York Times Book Review*, Abril 22, 1973. Citado em: J. Toland, *Adolf Hitler* (Doubleday & Co., 1976), p. 403 (nota).

[4] J. K. Galbraith, *The Age of Uncertainty* (1977), pp. 213-214.

[5] Hitler discurso na rádio, "Aufruf an das deutsche Volk," Feb. 1, 1933.

[6] John A. Garraty, "The New Deal, National Socialism, and the Great Depression," *The American Historical Review*, Oct. 1973 (Vol. 78, No. 4), pp. 909-910.

[7] Gordon A. Craig, *Germany 1866-1945* (New York: Oxford, 1978), p. 620.

[8] Richard Grunberger, *The Twelve-Year Reich: A Social History of Nazi Germany, 1933-1945* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971), p. 186. Primeiro publicado na Inglaterra sobre o título, *A Social History of the Third Reich*.

[9] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), p. 187; David Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (Norton, 1980 [softcover]), p. 100.

[10] David Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (Norton, 1980), p. 101.

[11] David Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (Norton, 1980 [softcover]), pp. 100, 102, 104; Historiador Gordon Craig escreve: "Em adição a estes inegáveis ganhos [isto é, na qualidade de vida], trabalhadores alemães recebiam significantes benefícios suplementares do estado. O partido conduziu uma campanha sistemática e impressionantemente bem sucedida para melhorar as condições de trabalho em instalações comerciais e industriais, com vistorias periódicas projetadas não somente para ver que regulações de saúde e segurança foram aplicadas, mas para encorajar algum alívio da monotonia do trabalho diário por meios de amenidades tais como música e crescimento de plantas e prêmios especiais por realizações." G. Craig, *Germany 1866-1945* (Oxford, 1978), pp. 621-622.

[12] Entrevista com Louis Lochner, correspondente da Associated Press em Berlim. Citado em: Michael Burleigh, *The Third Reich: A New History* (New York: 2000), p. 247.

[13] G. Craig, *Germany 1866-1945* (Oxford, 1978), p. 623; John A. Garraty, "The New Deal, National Socialism, and the Great Depression," *The American Historical Review*, Oct. 1973 (Vol. 78, No. 4), pp. 917, 918.

[14] J. A. Garraty, "The New Deal, National Socialism, and the Great Depression," *The American Historical Review*, Oct. 1973, pp. 917, 918.

[15] Joachim Fest, *Hitler* (New York: 1974), pp. 434-435.

[16] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (New York: 1971 [hardcover ed.]), p. 203.

- [17] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), pp. 30, 208.
- [18] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), pp. 198, 235.
- [19] G. Frey (Hg.), *Deutschland wie es wirklich war* (Munich: 1994), pp. 38. 44.
- [20] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), p. 179.
- [21] D. Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (1980), pp. 118, 144.
- [22] D. Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (1980), pp. 144, 145; Franz Neumann, *Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism 1933-1944* (New York: Harper & Row, 1966 [softcover]), pp. 326-319; R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), p. 177
- [23] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), p. 177; D. Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (Norton, 1980), p. 125.
- [24] D. Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (1980), pp. 148, 149.
- [25] D. Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (1980), pp. 148, 149. (Por comparação, Schoenbaum observa, a média de imposto de renda para a faixa mais alta em 1966 na República Federal da Alemanha era cerca de 44 por cento.)
- [26] D. Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution* (1980), p. 134.
- [27] G. Craig, *Germany 1866-1945* (Oxford, 1978), p. 633.
- [28] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), pp. 26, 121; G. Frey (Hg.), *Deutschland wie es wirklich war* (Munich: 1994), pp. 50-51.
- [29] Citado em: J. Toland, *Adolf Hitler* (Doubleday & Co., 1976), p. 405. Fonte citada: Cesare Santoro, *Hitler Germany* (Berlin: 1938).
- [30] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), p. 223.
- [31] Evan Burr Bukey, *Hitler's Austria* (Chapel Hill: 2000), pp. 72, 73, 74, 75, 81, 82, 124. (Bukey é um professor de história em University of Arkansas.)
- [32] R. Grunberger, *The Twelve-Year Reich* (1971), pp. 29, 234-235.
- [33] John Lukacs, *The Hitler of History* (New York: Alfred A. Knopf, 1997), pp. 97-98.
- [34] G. Craig, *Germany 1866-1945* (Oxford, 1978), pp. 629-630.
- [35] Discurso de Hitler no Reichstag de Jan. 30, 1937.
- [36] Discurso de Hitler no Reichstag de Abril 28, 1939.
- [37] John A. Garraty, "The New Deal, National Socialism, and the Great Depression," *The American Historical Review*, Oct. 1973 (Vol. 78, No. 4), p. 944. (Garraty ensinou história na Michigan State University e na Columbia University, e serviu como presidente da Society of American Historians.)
- [38] John A. Garraty, "The New Deal, National Socialism, and the Great Depression," *The American Historical Review*, Oct. 1973 (Vol. 78, No. 4), p. 917, incl. n. 23. Garraty escreveu: "Certamente, desemprego zero nunca se aproximou da América até que a economia estivesse totalmente alterada para a produção de guerra... Desemprego americano nunca caiu muito abaixo de oito milhões durante o New Deal. Em 1939 cerca de 9.4 milhões estavam fora de trabalho, e à época do censo de 1940 (em março), desemprego estava em 7.8 milhões, quase 15% da força de trabalho."
- [39] William E. Leuchtenburg, *Franklin Roosevelt and the New Deal* (New York: Harper & Row, 1963 [softcover]), pp. 346-347.
- [40] De *Das Reich*, May 26, 1940. Citado em John A. Garraty, "The New Deal, National Socialism, and the Great Depression," *The American Historical Review*, Oct. 1973, p. 934. Fonte citada: Hans-Juergen Schröder, *Deutschland und die Vereinigten Staaten* (1970), pp. 118-119.
- [41] Durante uma visita à Berlim nos anos 30, o ex-presidente americano Herbert Hoover se encontrou com o Ministro de Finanças de Hitler, Conde Lutz Schwerin Von Krosigk, que explicou em detalhes as políticas econômicas de seu governo. Enquanto que reconhecendo que essas medidas eram benéficas para a Alemanha, Hoover expressou a visão de que elas não eram adequadas para os Estados Unidos. Políticas de preço e salário dirigidas pelo governo, ele acreditava, seriam contrárias à noção americana de liberdade pessoal. Veja: Lutz Graf Schwerin von Krosigk, *Es geschah in Deutschland* (Tübingen/ Stuttgart: 1952), p. 167; O influente economista britânico John Maynard Keynes escreveu em 1936 que suas políticas "Keynesianas", que em alguma extensão foram abraçadas pelo governo de Hitler, "podem ser muito mais facilmente adaptadas às condições de estado totalitário" do que em um país onde "condições de livre competição e um grande grau de laissez-faire" prevalecem. Citado em: James J. Martin, *Revisionist Viewpoints* (1977), pp. 187-205 (Veja também: R. Skidelsky, *John Maynard Keynes: The Economist as Savior 1920-1937* [New York: 1994], p. 581.); Pesquisas em anos recentes mostram que maior diversidade étnica reduz os níveis de confiança social, e a funcionalidade de políticas

de bem estar social. Veja: Robert D. Putnam, "E Pluribus Unum: Diversity and Community in the Twenty-first Century," Scandinavian Political Studies, June 2007. Veja também: Frank Salter, Welfare, Ethnicity, and Altruism (Routledge, 2005)

[42] Discurso de Hitler em Berlim, Oct. 3, 1941.

[43] Daily Express (London), Nov. (or Sept.?) 17, 1936.

[44] John Lukacs, The Hitler of History (New York: Alfred A. Knopf, 1997), pp. 95-96

[45] S. Haffner, The Meaning of Hitler (New York: Macmillan, 1979), pp. 27-29. Primeiro publicado em 1978 sob o título Anmerkungen zu Hitler. Veja também: M. Weber, "Sebastian Haffner's 1942 Call for Mass Murder," The Journal of Historical Review, Fall 1983 (Vol. 4, No. 3), pp. 380-382.

[46] J. Fest, Hitler: A Biography (Harcourt, 1974), p. 9. Citado em: S. Haffner, The Meaning of Hitler (1979), p. 40.

[47] J. Toland, Adolf Hitler (Doubleday & Co., 1976), pp. 407. 409.

Como Hitler se livrou da escravidão dos juro

Este artigo esclarece de forma compreensível, porque uma guerra foi declarada contra o Reich alemão há 73 anos! Podemos entender também que a guerra e o extermínio não foram direcionados exatamente contra o Nacional-Socialismo – o povo alemão conseguiu sair do lodo graças à própria coragem, espírito e vontade de trabalhar. Os nacional-socialistas mostraram apenas a direção e criaram as pré-condições do milagre que se manteve até a eclosão da guerra.

Preliminares

O autor deste artigo escreve:

"Promover uma discussão sobre a Segunda Guerra Mundial e a Alemanha de Hitler, sem mexer com os sentimentos das pessoas, é uma tarefa difícil."

Nós queremos tratar deste assunto de forma sóbria. Alguma vez foi reportado algo de positivo sobre o período de 1933 e 1945? Já foi reportado que o governo do chanceler Adolf Hitler construiu mais de 1,5 milhões de moradias, financiou mais de 500.000 propriedades agrícolas de pequeno e médio porte, para que as pessoas – não, mas sim o povo – tivesse um teto razoável sobre as cabeças, ou não precisassem mais passar fome, porque o setor agrícola até aquele momento não produzia mais nada, ele estava prostrado ao chão (vejam hoje em dia!). Sim, a casta política da RFA (República Federal da Alemanha) e da UE (União Europeia) financiam hoje o não-plantio dos campos. Eles almejam monoculturas – por exemplo, canola (colza) para biodiesel, beterraba para biogás etc etc – e com isso acabam com o solo, deixando-os desgastados, desvalorizados e arrasados. Milho transgênico e outras frutas manipuladas geneticamente passam a ter o objetivo adicional de matar os insetos, pois estes garantem a polinização.

Uma discussão com fatos reais, sem precisar distorcê-los, ou sem entrar nos meandros dos crimes de guerra de todos os participantes da guerra, o povo alemão não precisa reear tal discussão! Nem os alemães nem o governo daquele período queria uma guerra. Nem a primeira nem a segunda guerra mundial. Não há mais dúvida alguma de que uma conspiração judaica contribuiu em grande escala para a eclosão da guerra, mas também os interesses geopolíticos da Inglaterra, França, a União Soviética de Stálin e também por parte dos EUA. Viu-se que a coisa estava indo para o brejo – imitadores são indesejáveis!

Projetando estes acontecimentos para os dias de hoje, nós estamos no ano de 1922. ESM nada mais é que um banco privado. Ninguém é responsável, imunidade absoluta para todos. É uma coisa lógica negar tudo que esteja relacionado com o governo de Hitler. Alguém poderia ter a ideia de perguntar como a Alemanha da época conseguiu se recuperar – após ter mais de 6 milhões de mortos pela fome. Ou seja, amplifica-se a indústria do "holocausto", que claramente ainda não existia no final da década de 70!

E sendo assim, todo mundo se desculpa ao iniciar um debate sobre a Alemanha daquela época. Aqui o autor explica as relações com esmero e pode se dar ao luxo de não se desculpar, pois isso iria anular o efeito de suas pesquisas! E mesmo assim, obrigado!

Como o chanceler Adolf Hitler conquistou a independência da escravidão internacional pelos juros

Entrar em uma discussão sobre o tema “Segunda Guerra Mundial” e a “Alemanha de Hitler”, sem mexer com os sentimentos das pessoas é uma tarefa difícil. E compreensível. Nós rejeitamos aqui qualquer forma de violência. Nós não apoiamos a política da guerra ou o extermínio dos povos. Nós nos distanciamos da política do capitalismo, comunismo assim como do fanatismo.

O texto a seguir almeja esclarecer de onde vem a real ameaça de nossa civilização.

Nós não podemos confirmar com segurança, que exista uma conspiração mundial de fé judaica com o objetivo de conquistar o mundo. Todavia sabemos que existe uma conspiração levada avante por grandes bancos e instituições financeiras, assim como indústrias multinacionais, que trabalham para controlar todo o planeta (maçonaria, grupo Bilderberg).

“A história é escrita pelos vencedores” – Winston Churchill

Nos parágrafos abaixo nós iremos tratar algumas perspectivas interessantes da Segunda Guerra Mundial e das potências envolvidas.

Ouvimos de forma recorrente as seguintes palavras:

“Wall Street e os banqueiros judeus financiaram a guerra de Hitler.”

Existem muitas provas documentais de que Wall Street e banqueiros judeus estavam dispostos a financiar Hitler, em todo caso no começo da guerra, por um lado devido ao fato dela torna-los mais ricos, por outro lado para poder controlar Stalin. Mas quando a Alemanha se libertou das garras destes banqueiros cobiçosos e criminosos, justamente estes banqueiros (grandes bancos, bancos centrais e particulares, a maioria nas mãos de judeus) declararam guerra contra a Alemanha.

Se nós analisarmos todos os fatos, então a alegação de que os judeus teriam financiado Hitler, torna-se irrelevante. A advogada Ellen Brown, de Los Angeles, discute este tema em seu livro “Web of Debt” (Rede de dívidas).

Quando Hitler subiu ao poder, a Alemanha estava totalmente falida. O Tratado de Versalhes tinha sido imposto e os pagamentos das reparações de guerra tiveram consequências destrutivas para o povo alemão, indenizações estas que deveriam ser pagas pelos alemães a todas as nações aliadas. Estes custos atingiram o patamar de três vezes o valor de todos os imóveis na Alemanha. Especuladores particulares provocavam ainda a queda do valor da moeda Reichsmark, motivo de uma das piores crises inflacionárias incontáveis na era moderna. Um carrinho de mão com 100 bilhões de Reichsmark, em notas, não era suficiente para pagar um pãozinho. A caixa do Estado estava vazia. Inúmeras casas e propriedades agrícolas, assim como várias fábricas, foram desapropriadas pelos especuladores e bancos particulares. Os alemães viviam casebres e se empobreciam. Eles começaram a passar fome. Alie-se a tudo isso, a invasão das tropas francesas e holandesas, com o objetivo de roubar tudo que não estivesse pregado.

Nunca aconteceu algo tão dramático assim, a destruição total da moeda nacional, assim como a pulverização das poupanças. E adiciona-se a isso tudo, ainda a crise financeira mundial partindo dos EUA, que causou uma depressão global. A Alemanha não tinha outra escolha a não ser se

submeter à escravidão das dívidas junto aos banqueiros internacionais, o que durou até 1933, quando os nacional-socialistas chegaram ao poder e tudo mudou.

A partir deste ponto, a Alemanha frustrou as atividades criminosas dos bancos e cartéis internacionais, assim como dos aliados, através da emissão da própria moeda pelo governo ao invés de bancos particulares.

A judiaria mundial reagiu convocando um boicote global contra a Alemanha.

Hitler começou com um programa nacional de crédito através da elaboração de um plano de trabalho público como, por exemplo, proteção contra as enchentes, reformas em prédios públicos e casas particulares, construção de estradas, pontes, canalizações e instalações portuárias. Tudo isso foi pago, desta vez, com dinheiro que não provinha dos criminosos banqueiros internacionais e suas altas taxas de juros.

Os custos previstos dos diferentes programas foram fixados em um bilhão de unidades monetárias do país. E para cobrir estes custos, o governo alemão (não os banqueiros internacionais) utilizou letras de câmbio assim como certificados de trabalho e títulos. Desta forma, os nacional-socialistas criaram trabalho para milhões de pessoas, e pagaram-nas com os novos títulos. Sob o regime nacional-socialistas, o dinheiro não estava coberto pelo ouro (este estava nas mãos dos banqueiros internacionais e outros pilantras). Este dinheiro tratava-se na sua essência de um recibo dos produtos e serviços prestados e fornecidos ao governo.

Hitler disse:

"Para cada marco em circulação, nós temos que disponibilizar a contrapartida na forma de serviços e/ou produtos".

Desta forma, o governo pagava os trabalhadores com estes novos certificados. Os trabalhadores, por sua vez, trocavam estes certificados contra outros produtos e serviços, onde então novos postos de trabalho eram criados.

Desta forma, o povo alemão se libertou do peso da dívida que lhe foi imposta pelos bandos criminosos e corruptos do estrangeiro.

Dentro de dois anos, o problema do desemprego foi resolvido, e a Alemanha ficou de pé novamente. Havia uma moeda sólida e estável; não havia mais dívidas e inflação, e isto numa época onde milhões de pessoas nos EUA e outros países ocidentais (controlados pelos banqueiros apátridas) ainda estavam desempregadas e à beira do abismo. Dentro de cinco anos, a Alemanha se transformou da nação mais pobre para a mais rica da Europa. A Alemanha conseguiu até retomar o comércio exterior, e isso apesar da rejeição de crédito por parte dos banqueiros internacionais, e apesar do boicote a nível mundial das indústrias judaicas. A Alemanha conseguiu isso através da troca direta de bens de consumo com outros países, ou seja, uma espécie de escambo que evitava os banqueiros criminosos. A Alemanha florescia, pois o comércio de troca eliminou o endividamento do Estado assim como o déficit na balança comercial. (A Venezuela faz o mesmo, trocando petróleo por matérias-primas assim como ajuda médica e assim por diante. Agora entendemos porque os banqueiros pressionam o país).

A liberdade econômica da Alemanha foi breve, mas ela deixou muitos monumentos, dentre eles as famosas autoestradas alemãs, a primeira rede ampla de ligações viárias do mundo desta natureza.

Hjalmar Schacht, um conhecido agente dos Rothschild, que comandava pela segunda vez o banco central alemão, resumiu assim... Um banqueiro norte-americano comentou a ele:

"Dr. Schacht, você deve vir para a América. Nós temos muito dinheiro e isso é um verdadeiro Banking (negócio bancário)."

Schacht respondeu:

"Você deve vir a Berlim. Nós não temos dinheiro. Isso sim é um verdadeiro Banking."

O agente Rothschild Schacht apoiou de fato os banqueiros internacionais privados em sua cruzada contra a Alemanha, e foi recompensado no final da guerra ao ser inocentado de todos os pontos da acusação no processo de Nuremberg.

Ao alcançar esta nova liberdade econômica, Hitler tornou-se bastante querido pelo povo alemão. A Alemanha foi libertada na teoria econômica inglesa, teoria esta que prevê que todas as moedas devem ser emprestadas contra o ouro em posse do banco, ou seja, emprestadas por cartéis de bancos privados e secretos – como o Federal Reserve Bank nos EUA ou o Banco Central Europeu – ao invés de ser emitido pelo governo em prol do bem estar do povo.

O pesquisador canadense Dr. Henry Makow (de fé mosaica), disse que o principal motivo para que os banqueiros fossem a favor de uma guerra mundial contra a Alemanha, era que Hitler evitava os banqueiros à medida que imprimia seu próprio dinheiro, e com isso alcançava a liberdade do povo alemão. Pior ainda, os bancos se sentiam ameaçados, pois esta liberdade e bem-estar poderia se disseminar para outros países. Tornou-se imperativo parar Hitler!

Aqui segue uma citação de Makow extraída do interrogatório de C. G. Rakowski, fundador do bolchevismo soviético e amigo íntimo de Trotski: Rakowski foi levado aos tribunais em um processo teatral na União Soviética sob Stalin. Segundo Rakowski, Hitler teria sido primeiramente financiado pelos banqueiros internacionais, através do agente Hjalmar Schacht. Os banqueiros financiaram Hitler para controlar Stalin, que por sua vez tomou o poder com ajuda do agente Trotski. Então Hitler tornou-se uma ameaça maior do que Stalin, quando ele começou a imprimir seu próprio dinheiro. (Stalin chegou ao poder em 1922, 11 anos antes da tomada de poder por Hitler).

Rakowski disse:

"Hitler conquistou o privilégio de criar o dinheiro, e não na forma de papel moeda, mas também na forma de produtos financeiros. Ele tomou das mãos dos bancos particulares e das instituições financeiras o diabólico mecanismo de falsificação de dinheiro e o colocou nas mãos do povo alemão para seu bem-estar. Você podem imaginar o que aconteceria se uma série de outros países fossem infectados por isso?" (Henry Makow, "Hitler não queria a guerra", 21 de março de 2004).

Henry C. K. Liu, economista, escreveu sobre esta sensacional mudança na Alemanha:

"Os nazistas chegaram ao poder em 1933, quando a economia alemã tinha entrado completamente em colapso, com obrigações reparatórias ruinosas da Primeira Guerra Mundial e sem perspectivas de investimentos estrangeiros ou crédito. Através de uma política monetária independente de crédito soberano (crédito que era concedido pelo Estado, todavia não financiados de antemão por bancos privados, mas sim pelo próprio capital estatal) e um programa público de plena ocupação, o Terceiro Reich esteve na condição de transformar uma Alemanha falida e cujas colônias haviam sido roubadas, na mais forte economia na Europa

dentro de quatro anos, e isso antes de iniciar o rearmamento alemão.” (Henry CK Liu, ‘Nacional-Socialismo e o milagre econômico alemão’, Asia Times – 24/05/2005).

No livro “Bilhões para os bancos, dívidas para os cidadãos” (1984, Sheldon Emry comentou:

“A Alemanha disponibilizou a partir de 1935 um dinheiro livre de dívidas e sem juros, que foi responsável pela surpreendente recuperação da Alemanha de uma profunda recessão, levando-a à condição de potência mundial, e isso em apenas cinco anos. O governo alemão financiou todas suas atividades de 1935 até 1945, sem ouro e sem dívidas. Foi necessário todo o mundo capitalista e comunista para destruir a revolução alemã e trazer a Europa novamente para o purgatório dos banqueiros criminosos de bancos centrais golpistas.”

Infelizmente estes fatos não aparecem em NENHUM livro escolar desde o final da Segunda Guerra Mundial. O que aparece é a inflação catastrófica de 1923 durante a República de Weimar, que existiu na Alemanha durante 1919 até 1933. Os livros escolares atuais utilizam esta inflação para distorcer a verdade. Eles citam a desvalorização radical do Marco alemão como exemplo para aquilo que acontece, quando governos imprimem seu próprio dinheiro, ao invés de emprestar de cartéis conspiratórios ateístas (os bancos atuais) e indivíduos criminosos a troca de juros exorbitantes.

Na realidade, a crise financeira de Weimar começou com o pagamento excessivo das reparações de guerra estipuladas no Tratado de Versalhes. Hjalmar Schacht (que nunca foi um membro do NSDAP) – o agente Rothschild e comissário da moeda da República – rejeitou categoricamente a impressão do próprio dinheiro por parte do governo alemão...

“O Tratado de Versalhes é um modelo de medidas bem elaboradas com o objetivo de eliminar economicamente a Alemanha. Entre 1918 e 1935, a Alemanha não encontrou outro meio para evitar a certa bancarrota, a não ser imprimindo dinheiro, e isso em quantidades inflacionárias...”

Schacht repete as mentiras dos livros escolares, que a inflação da República de Weimar foi ocasionada pela impressão do próprio dinheiro por parte do governo alemão. Em seu livro “The magic of Money” (1967), Schacht deixou escapar, todavia, que foi o Reichsbank, na posse de particulares e não do governo alemão, que injetou somas incalculáveis de moeda na economia.

Ou seja, um banco particular ocasionou a hiperinflação da República de Weimar.

Ralf Engel

Morbus ignorantia, 26/09/2013.

Adolf, o Economista

"Fizemos o possível, sem ouro e sem câmbio, para manter o valor do marco alemão. Sob a base do marco alemão está a capacidade para o trabalho dos alemães, enquanto alguns países estrangeiros, sufocados pelo ouro, têm sido obrigados a desvalorizar suas moedas. Hoje, em maio de 1938, o mundo que nos rodeia sofre com a ansiedade que o desemprego de milhões de pessoas traz consigo. Na Alemanha, começamos a ficar ansiosos porque não temos trabalhadores o suficiente."

"A luta contra o capital financeiro e prestamista internacional chegou a ser o ponto programático mais importante do Nacional-Socialismo" – Adolf Hitler

Durante os três anos antes da ascensão de Hitler ao poder, o ganho total da economia havia caído pela metade, de 23 bilhões de marcos para 11 bilhões. O rendimento médio per capita caiu de 1.187 marcos em 1929 para 627 marcos em 1932, um nível muito aquém do tolerável. Em janeiro de 1933, quando Hitler assumiu o poder, 90 por cento do povo alemão estava totalmente desamparado. – General Leon Degrelle



A moeda alemã, já sem qualquer valor

Adolf assume um país financeiramente falido

Quando Adolf tomou posse em 1933, a Alemanha era o país europeu com o mais sombrio futuro; possivelmente nenhum outro tivesse perspectivas tão ruins. A Alemanha estava tecnicamente falida, sem qualquer esperança de reabilitação. As razões para isso eram muitas e variadas:

Desemprego massivo

Estagnação Industrial

Greves desestabilizadoras promovidas pelos sindicatos

Queda do investimento privado para um sexto

Colapso dos preços agrícolas

A escalada do número de empresas falidas

O ganho total da economia tinha caído pela metade

90% do povo alemão estava em situação desesperadora

O tratado de Versalhes confiscou a mais rica terra em minérios e impôs indenizações exponenciais que não poderiam ser pagas em menos de cinquenta anos.

Os comunistas, financiados pela União Soviética, estavam se aproveitando da crise política através da promoção de greves freqüentes e violentas tentativas de golpe.



Hitler havia herdado uma economia totalmente falida.

Ao tomar posse como Chanceler da Alemanha, Adolf Hitler estava determinado a controlar a catástrofe econômica, ao mesmo tempo em que resolvesse os problemas de desemprego e criminalidade, por todos os meios possíveis e o quanto antes. Ele convocou o presidente do Reichsbank, Dr. Hans Luther, ao seu escritório. Luther era um homem sóbrio e prático. Uma vez que o restante dos fundos de Estado equivalia a apenas 150 milhões de marcos, ele não ofereceu a Adolf qualquer assistência ou orientação. Adolf decidiu que Luther não era o homem para o trabalho.

Tendo transformado o jornal do partido, Volkischer Beobachter, da ruína econômica à rentabilidade sólida, Adolf tinha desenvolvido um interesse afiado e sensibilidade para a economia, de forma que possuía idéias consistentes sobre o que deveria ou não ser feito com a economia alemã. Na seqüência ele chamou o Dr. Hjalmar Schacht, e fez-lhe o mesmo desafio. Essas duas mentes brilhantes se encontraram, e o resultado histórico foi o esquema conhecido como "Mefo Bonds".

"Era necessário descobrir um método que evitasse uma inflação descontrolada dos fundos de investimento do Reichsbank, o que iria aumentar a circulação de dinheiro excessivamente." – Hjalmar Schacht, Ministro das Finanças de Hitler

Os papéis conhecidos como "Mefo Bonds", ao serem apresentados ao Reichsbank poderiam ser convertidos em dinheiro. Schacht concebeu as obrigações a curto prazo para que houvesse sua pronta aceitação pública, de forma que se pagasse uma taxa de juros de quatro por cento, um valor aceitável à época, e que tornava sem sentido a velha prática de esconder dinheiro no colchão... A população adere ao Plano Econômico e Adolf tinha seus bilhões com os quais iria promover a criação de empregos sem causar inflação. Nos próximos quatro anos, o povo alemão subscreveu mais de 12 bilhões de marcos em valor das "Mefo Bonds".

"O país não vive em função do sistema econômico, e o sistema econômico não existe para o bem do capital. Ao contrário, o capital é o servo do sistema econômico, este último em função do povo." – Adolf Hitler, primeiro discurso no Reichstag.



Milhares de desempregados durante a República de Weimar. (Até ao final do primeiro ano do governo de Adolf Hitler, o desemprego caiu de 6.000.000 para 3.374.000.

Uma inédita abertura de 2.627.000 postos de trabalho foram criados no momento em que o resto do mundo estava em profunda recessão econômica.

Planejamento Econômico Sadio

À medida que a criação de postos de trabalho evoluía, as receitas do governo aumentaram automaticamente devido a vários fatores:

Muitos desempregados e miseráveis já não precisavam de assistência social dos fundos estatais.

Os recém-empregados agora faziam parte do mercado formal de trabalho e, portanto, contribuía à receita.

Com o aumento da confiança, a indústria privada, por sua vez, projetou-se à expansão e à contratação de novos empregados.

"Eu não acredito que Hitler se limitou a pedir minha ajuda. Se eu não o tivesse atendido, ele teria encontrado outros métodos, outros meios. Ele não era um homem que desistisse." – Hjalmar Schacht, no julgamento de Nuremberg.



Junto a Hitler, Hjalmar Schacht, Ministro das Finanças da Alemanha

O Trabalho glorifica!

O status social do trabalhador alemão foi drasticamente elevado por Adolf. Ele visitou regularmente fábricas e fazendas, conversando com trabalhadores diversos, para saber suas opiniões em primeira mão. Era comum para ele participar sem guarda-costas de qualquer tipo e nunca houve um incidente desagradável. Os trabalhadores o idolatravam.

"Devem aprender a respeitar uns aos outros e serem respeitados por sua vez – o intelectual deve respeitar o trabalhador manual e vice-versa. Um não pode existir sem o outro." – Adolf Hitler – 1924



Adolf se encontra com lavradores.

"Em 1932, antes do Nacional-Socialismo chegar ao poder, a renda nacional alemã atingiu 45,2 bilhões de Reichmarks.... e em 1937 alcançou o número de 68 bilhões de Reichmarks. Em contrapartida a esse aumento na renda, o índice do custo de vida geral manteve-se praticamente inalterado. Em outras palavras, enquanto a renda nacional aumentou quase 50%, o aumento do custo de vida foi de apenas 4%." – Adolf Hitler

"Preconceitos à parte, qualquer um que visite a Alemanha outra vez após um intervalo de cinco anos, não pode deixar de se impressionar pelos sinais óbvios de um renascimento econômico. Pode-se ver fábricas, anteriormente dilapidadas e fechadas, agora reabertas e re-aparelhadas, trabalhando outra vez sob condições normais. Pode-se ver um exército de trabalhadores empregados incrementado em centenas de milhares e, sobretudo, observar as rampas de carregamento acumuladas com a produção de commodities; espanta o fluxo constante dos veículos pesados de transporte, cada um com seu reboque de dois ou três eixos... todos os sinais e portentos, que até então há cinco anos atrás remetiam à história da depressão empresarial, e que agora haviam se convertido numa auspiciosa demonstração de despertar econômico." – Cesare Santoro

A participação pessoal de Hitler sempre foi o fator-chave

A política econômica de Adolf era baseada na renovação da indústria através de grande obras públicas. Bilhões investidos seriam retornados mais tarde ao Estado por rendimentos de imposto moderados. A Alemanha viu logo os resultados e toda a oposição à sua liderança se desintegrou ante o milagre econômico.

Grandiosos projetos foram executados, incluindo as primeiras auto-estradas do mundo, ou Autobahns, e o carro de família mais barato do mundo, o Volkswagen, mais uma inovação de Adolf Hitler.



Selo comemorativo em referência às Autobahns de Hitler.

Após cinco anos:

Os cinco anos da política industrial e econômica Nacional-Socialista mostraram que:

A fabricação de papel aumentou 50%

A fabricação de óleo diesel aumentou 66%

A produção de carvão aumentou em 68%

A produção de óleo combustível aumentou 80%

A produção de óleo mineral aumentou 90%

A produção de seda artificial aumentou 100%

A produção de querosene aumentou 110%

A produção de aço aumentou em 167%

A produção de óleo lubrificante aumentou 190%

"A salvação econômica alemã foi proporcionada unicamente por meio do esforço do povo alemão e da sua experiência adquirida. Países estrangeiros em nada contribuíram para isso. Fizemos o possível, sem ouro e sem câmbio, para manter o valor do marco alemão. Sob a base do marco alemão está a capacidade para o trabalho dos alemães, enquanto alguns países estrangeiros, sufocados pelo ouro, têm sido obrigados a desvalorizar suas moedas. Hoje, em maio de 1938, o mundo que nos rodeia sofre com a ansiedade que o desemprego de milhões de pessoas traz consigo. Na Alemanha, começamos a ficar ansiosos porque não temos trabalhadores o suficiente." – Adolf Hitler

FONTE: Partido Nacional-Socialista Brasileiro

Este link remete a uma página com conteúdo proibido segundo a legislação brasileira. Para não omitir a fonte do artigo, nós indicamos o link dentro de nossa política expressa na página de LINKS – NR.

Saindo da crise com o “nazismo”

Mostramos aqui alguns princípios básicos da política financeira e econômica que levou ao “milagre econômico” pós-1933. Diferentemente da estruturação econômica atual que se estabelece em torno do capital, para o capital e através do capital, os fundamentos econômicos do Nacional-Socialismo alemão valorizavam a trabalho produtivo, o capital produtivo.

Caminhos para sair da crise

Após diversos governos autoritários (através dos parágrafos de exceção), quando o presidente do Reich Paul von Hindenburg resolveu respeitar novamente a Constituição e nomeou, a 30 de janeiro de 1933, o vencedor das eleições para chanceler do Reich, a Alemanha estava destruída de forma não muito diferente de uma situação que a atual RFA se avizinha rapidamente. O povo alemão estava à beira da bancarrota, havia cerca de 13,5 milhões de desempregados e trabalhadores com jornada reduzida, destes, 6,2 milhões de desempregados, a economia estava prestes a entrar em colapso, a agricultura diante da ruína, comércio e fábricas com atividade reduzida, o transporte naval parado. Dentro de um impressionante período até 1935, o problema do desemprego foi vencido, dominava quase a ocupação total! Qualquer chanceler alemão só pode sonhar com tal série de sucesso.

O suposto democrata Roosevelt, que chegou ao poder também em 1933, não alcançou nem de perto algo parecido apesar das melhores condições iniciais de seu governo. A economia dos EUA avançou somente depois da política bélica de Roosevelt a partir de 1941. Despesas com a indústria bélica foram usadas para justificar a recuperação alemã, mas elas foram ampliadas somente a partir de 1935, como consequência da rejeição por parte dos países da Liga das Nações em cumprir seu único compromisso do Ditado de Versailles: o desarmamento. Ao contrário, a Alemanha conseguiu pacificamente em apenas seis anos, até 1938, criar um estado socialista que o mundo invejou, com uma pujança econômica onde todos os trabalhadores aproveitaram. Imperava nesta transformação um pensamento básico: **a economia para o povo e o capital para a economia**. Hoje vale o contrário na RFA: o povo alemão incluindo os milhões de povos estrangeiros sobre seu solo existe para a economia e a economia existe para o capital.

“O povo existe para a economia e esta para o capital”: sem dúvida alguma, uma grande conquista das assim auto-denominadas democracias ocidentais – NR.

Existe uma diferença entre a categoria “capital” e “economia”. Esta foi criada pelo espírito solidário do povo alemão. O neto de rabinos, Karl Marx, foi incumbido por Adolphe Crémieux (Alliance Israélite Universelle, Paris) a deturpar esta diferença e, com isso, colocar o trabalhador contra o empresário, desviando sua atenção do capital bancário (que vive do empréstimo de dinheiro – compare com a Grécia e França neste ano, 2010). Que o empresário também toma dinheiro a crédito – claro, contra o pagamento de juros – junto aos bancos, isso Marx não nos conta. O “capitalista” não é portanto o empresário que criou as bases de subsistência para os trabalhadores através de postos de trabalho, mas sim o Bankster que empresta dinheiro recém-criado (Fiat-money). Aqui se diferencia a essência das concepções econômicas na Alemanha e o bolchevismo. O trabalhador da Siemens não foi explorado pela Siemens, mas sim por Rothschild. Ao contrário. A empresa Siemens assegura-lhe as condições para sua subsistência. Hoje, imersa no globalismo, a RFA teria exterminado estas condições, pois a Siemens produz por todo o globo, mas não mais em Berlim.

O lucro do capital financeiro internacional organizado através do empréstimo de dinheiro foi imposto mundo afora através das moedas lastreadas no ouro. O comércio exterior só acontecia através do depósito em ouro ou outras garantias com juros embutidos. A Alemanha se livrou desta escravidão após 1933, com a consequência que o comércio exterior voltou a ser à base do escambo, ou seja, produto contra produto. Por exemplo, locomotivas alemãs foram trocadas por carne argentina. Para isso não foi mais necessário qualquer tipo de carta de crédito. Os

plutocratas perderam com isso bilhões e bilhões em juros que arrecadavam também através da dívida pública. O “capital produtivo” venceu na Alemanha. Por isso o “capital especulativo” da Inglaterra declarou guerra contra a Alemanha a 3 de setembro de 1939, e o da França a 4 de setembro.

O ouro alemão era a força produtiva alemã.

Segundo este mesmo princípio se estabelecerá em breve entre a China e a Turquia, com o desligamento da moeda internacional US Dólar. Há pouco tempo foi rejeitada a tentativa de Angela Merkel em convencer os socialistas chineses a entregar seu mercado interno aos plutocratas de Wall Street. A Alemanha também permaneceu firme na independência de seu mercado interno na época o padrão-ouro das moedas. Pois uma nova concepção econômica se firmou na Alemanha, onde o ouro não representava mais um valor padrão. A política econômica alemã reconheceu que apenas o trabalho cria, mas de forma alguma o ouro. O ouro alemão era a força produtiva alemã. Com este “ouro”, a Alemanha livre bateu qualquer nação deste mundo. Teoricamente a economia daquela época foi relacionada unicamente com o termo trabalho. Ao final, a determinação e capacidade do trabalhador alemão, dos engenheiros, dos economistas e dos – organizadores do povo alemão, asseguraram a moeda interna da nação alemã, o *Reichsmark* alemão.

O instrumento político-financeiro para criação do dinheiro com a finalidade de dar o pontapé inicial da atividade econômica segundo o princípio “trabalho é o valor da moeda”, foi dado pela introdução da assim chamada Nota Promissória MEFO (*Metallforschungsges. m.b.H.*) no valor de 5,5 bilhões de Marcos, complementando a base monetária existente. Até 1933 valia as regras determinadas rigidamente pelo Tratado de Versailes, que limitava a quantidade de moeda a 4,5 bilhões. O lastro desta Nota Promissória foi feita principalmente pelas grandes indústrias alemãs como Siemens, Krupp, AEG etc na forma em que seus parques industriais representassem a garantia para este recém-criada moeda. Com isso foi possível aumentar a base monetária para 10 bilhões de Marcos, que era o mínimo necessário para fomentar a atividade econômica como meio de troca do trabalho contra trabalho. Imediatamente foi possível iniciar os programas da casa própria, rodovias, assim como modernização da agricultura. Não se deixe levar pela propaganda de guerra inimiga, que prega o rearmamento da Alemanha como motivo da redução do desemprego. Ela mente. Atualmente na Alemanha, bilhões são destinados à indústria bélica, também para ataques nucleares, que são doados a países em regiões de conflito ou em guerra; mas não há qualquer rastro de aquecimento econômico ou uma situação de pleno emprego.

Na estruturação econômica foi utilizada a força propulsora da livre iniciativa com suas idéias inovadoras e outros trabalhos criativos para o bem-estar da economia social alemã. O novo Estado se voltou contra todo igualitarismo. Se alguém apresentava um desempenho extraordinário para a comunidade, este era premiado com apoio financeiro e também com honras. No entanto, os ganhos e dividendos receberam um teto superior como elemento social da política. Por exemplo, os lucros da indústria de armamentos, que nos países democráticos representa de 70 a 160% do capital investido, estava limitado a 6% na Alemanha. Destes 6%, a metade destinava-se à comunidade na forma de imposto. Mas também sobre sua outra metade, os grandes industriais não podiam se disponibilizar livremente do capital produzido pelo povo. Era esperado que ele fosse investido novamente de forma sensata na comunidade do povo alemão. Caso ele fizesse isso, muito bom. Caso contrário (por exemplo, como hoje quando se transfere o capital para o estrangeiro e elimina-se postos de trabalho para alemães), o Estado intervinha.

De forma análoga foi procedido junto às remunerações das Diretorias e Conselhos administrativos. Deputados do Reichstag não podiam de forma alguma participar, ao contrário da

época da República de Weimar (e hoje na RFA), de cargos de diretoria, a não ser que fossem totalmente não-remunerados. O Nacional-Socialismo exterminou a corrupção, pois os senhores deputados eram (e são) parte do conselho de administração.

Segundo um texto de **Gerd Walther**

WEGE AUS DER KRISE

Os especialistas e dirigentes atuais deveriam estudar mais a fundo o sucesso que foi alcançado naquela época. Eles não devem se deixar distrair pelos porretes lingüísticos como "racista", "nazista", "antisemita" etc. Estes comentários visam apenas desviar a atenção destes aspectos econômicos, pois como vimos, eles eliminam a exploração do trabalho produtivo pelos bankers – NR.